

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Rosângela Vasconcelos Raimundo Santos**

**Representações sociais de homens e mulheres rurais do  
interior baiano sobre os usos do álcool**

Vitória da Conquista – BA  
2017

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Rosângela Vasconcelos Raimundo Santos**

**Representações sociais de homens e mulheres rurais do  
interior baiano sobre os usos do álcool**

Dissertação apresentada como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade na linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Luci Mara Bertoni

Vitória da Conquista – BA  
2017

S238c Santos, Rosangela Vasconcelos Raimundo Santos.  
Representações sociais de homens e mulheres rurais do interior  
baiano sobre os usos do álcool / Orientador (a): Dra. Luci Mara Bertoni,  
Vitória da Conquista, 2017.  
105f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da  
Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e  
Sociedade. Vitória da Conquista, 2017.

1. Bebidas Alcoólicas – Consumo. 2. Memória coletiva. 3.  
Representações Sociais. 4. Comunidades Rurais – Cultura e costumes. I.  
Bertoni, Luci Mara. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. T.

Catálogo na fonte: **Cristiane Cardoso Sousa - CRB 5/1843**  
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em Inglês: Social representations of rural men and women from the interior Bahia  
about the uses of alcohol

Palavras-chaves em Inglês: Rural Community; Collective Memory; Social Representations;  
Alcoholic Beverage Use.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Profa. Dra. Luci Mara Bertoni (Presidente), Profa. Dra. Sônia de Souza  
Mendonça Menezes (titular), Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves (titular).

Data da Defesa: 17 de fevereiro de 2017

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e  
Sociedade.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Rosângela Vasconcelos Raimundo Santos**

### **Representações sociais de homens e mulheres rurais do interior baiano sobre os usos do álcool**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Data da aprovação: 17 de fevereiro de 2017.

#### **Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Luci Mara Bertoni (Presidente)  
Instituição: UESB

Ass.:  \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves  
Instituição: UESB

Ass.:  \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Sônia de Souza Mendonça Menezes  
Instituição: UFS

Ass.:  \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, gostaria de agradecer por ter permitido a realização desse curso tão desejado e por ter me sustentado nos momentos difíceis dando condições para a efetivação desse sonho.

À minha orientadora Profa. Dra. Luci Mara Bertoni pelo empenho, dedicação, paciência, confiança e apoio na realização deste trabalho. Por compreender minhas dificuldades e apostar no meu potencial.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, seu corpo docente, direção, administração, por ter oportunizado a realização desse curso com tamanha excelência.

Aos meus familiares, em especial meu esposo e filho, pelo amor, incentivo, apoio e compreensão. Obrigada por entender que as dificuldades e ausências do presente servirão para a construção de um futuro melhor.

Aos meus colegas Robson e Simália pelo apoio me dando força e incentivo durante todo o desenvolvimento do curso.

À comunidade rural, local da pesquisa, que permitiu o desenvolvimento do trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

## RESUMO

O consumo de bebida alcoólica constitui uma prática comum em todo o mundo. A história da civilização é marcada pelo uso de bebida alcoólica seja por questões culturais, religiosas, por diversão, para fins terapêuticos ou outros fins. O álcool tem sido apontado como a droga mais consumida no Brasil, representando um problema de saúde pública no país. Na comunidade rural que pesquisamos, a realidade de consumo de bebida alcoólica não é muito diferente da realidade urbana e nacional. É possível constatar que o consumo nocivo de bebida alcoólica e a dependência de álcool são uma constante no meio rural. Nesse sentido, tornou-se relevante analisar as representações sociais de homens e mulheres rurais sobre os usos do álcool. Para tanto foram entrevistadas 20 pessoas (11 homens e 9 mulheres). Além disso, utilizamos o AUDIT (*Alcohol Use Disorder identification Test* – teste para identificação de problemas relacionados ao uso do álcool) e um diário de campo para o reconhecimento da área. Os dados foram analisados com base nos pressupostos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1979) e para tal foram identificadas e analisadas 4 categorias que nos levaram a concluir os diversos usos que se faz da bebida alcoólica nesta comunidade, bem como as representações sociais desses homens e mulheres que se tornaram dependentes. Com este estudo foi possível identificar, na comunidade pesquisada, a existência da dependência alcoólica, dado importante para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento de tal a fim de que medidas de intervenção sejam tomadas.

**Palavras-chave:** Comunidades Rurais. Memória Coletiva. Representações Sociais. Uso de Bebidas Alcoólicas.

## ABSTRACT

The alcoholic beverage consumption is a common practice worldwide. The history of civilization is marked by the alcoholic beverage use, whether for cultural or religious issues, entertainment, therapeutic purposes or other aims. Alcohol has been pointed out as the most consumed drug in Brazil, thus representing a public health problem in our country. In the rural community we studied, the reality of consumption of alcoholic beverage is not so different from the urban and national reality. One can note that the harmful consumption of alcoholic beverage and the alcohol addiction are a constant in rural areas. Accordingly, it has become relevant to analyze the social representations of rural men and women about the uses of alcohol. To that end, we interviewed 20 people (11 men and 9 women). Moreover, we used the AUDIT (Alcohol Use Disorders Identification Test – which is a test for identifying problems related to the alcohol use) and a field diary for recognizing the area. Data were analyzed based on the assumptions of the Content Analysis (BARDIN, 1979); and, in order to do this, we identified and analyzed a number of 4 categories that enabled us to conclude the various uses of alcoholic beverage adopted in this community, as well as the social representations of these men and women who have become addicted. With this study, we become able to identify the existence of alcohol addiction in the surveyed community, which is an important data for developing confrontational strategies in such a way as to undertake intervention measures.

**Keywords:** Rural Community; Collective Memory; Social Representations; Alcoholic Beverage Use.

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Situação sanitária da comunidade da pesquisa em 2015	54
Tabela 2 – Distribuição da população pesquisada por sexo em 2015	55
Tabela 3 – Distribuição da população da comunidade pesquisada por faixa etária em 2015	55
Tabela 4 – Número de homens e mulheres rurais relacionado ao gênero segundo faixa etária	56
Tabela 5 – Percentual de homens e mulheres rurais relacionado ao gênero segundo escolaridade	57
Tabela 6 – Percentual de homens e mulheres rurais relacionado à ocupação segundo gênero	57
Tabela 7 – Percentual de homens e mulheres rurais relacionado à renda familiar segundo gênero	58
Tabela 8 – Distribuição de homens e mulheres rurais segundo religião relacionada ao gênero	59
Tabela 9 - Distribuição dos homens e mulheres rurais segundo situação conjugal relacionada ao gênero	59
Tabela 10 – Demonstrativo do resultado do AUDIT aplicado entre homens e mulheres rurais do Centro-Sul da Bahia	60
Tabela 11 – Demonstrativo de homens e mulheres rurais relacionado ao início de ingestão de bebida alcoólica segundo faixa etária	74
Tabela 12 – Distribuição de homens e mulheres rurais de acordo com a ocasião em que experimentou pela primeira vez a bebida alcoólica	74

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Distribuição das categorias e subcategorias de análise	62
Quadro 2 - Distribuição das unidades de análise temáticas da categoria Bebida como Diversão	91
Quadro 3 - Distribuição das unidades de análise temáticas da categoria Bebida como Tradição	93
Quadro 4 - Distribuição das unidades de análise temáticas da categoria Bebida como Remédio	97
Quadro 5 - Distribuição das unidades de análise temáticas da categoria Bebida como Dependência	98

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, MEMÓRIA COLETIVA E BEBIDAS ALCOÓLICAS</b> .....	<b>18</b>
2.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: CONCEITOS E PROCESSOS.....	19
2.2 MEMÓRIA COLETIVA.....	25
2.3 BEBIDAS ALCOÓLICAS E COMUNIDADE RURAL: APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO.....	30
<b>3 ÁLCOOL E ALCOOLISMO: SUA RELAÇÃO COM O MEIO RURAL.....</b>	<b>35</b>
<b>4 CAMINHOS DA PESQUISA.....</b>	<b>52</b>
4.1 CENÁRIO DA PESQUISA.....	53
4.2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	60
4.3 DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS.....	63
4.4 RESULTADOS DA PESQUISA.....	63
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>102</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As pessoas sempre se relacionaram com o álcool, quer seja por razões culturais, religiosas, por diversão, quer como forma de socialização ou mesmo como meio para se isolar do convívio social. Trazem consigo crenças, conteúdos emocionais e morais que são construídos e legitimados a partir das experiências passadas. Ao olhar para o passado, veremos que o consumo de bebidas alcoólicas tem sido uma constante na vida de muitos indivíduos. O desejo por novas sensações e prazeres faz parte da história da humanidade. De acordo com Bertoni (2007, p.02), as pessoas não apenas gostam e buscam sentir prazer, como também estão expostas a ele, principalmente nesta sociedade de consumo em que a conquista da felicidade se relaciona ao alcance deste prazer.

A história da civilização é marcada pelo uso rotineiro de álcool e outras drogas. Desde a Pré-História, as pessoas já faziam uso de plantas que tinham a propriedade de alterar o nível de consciência e o metabolismo com finalidade terapêutica, espiritual e para diversão. O ópio, por exemplo, até o século XIX, era muito apreciado devido ao seu poder de alívio das dores. A *cannabis* – maconha – teve seu uso amplamente difundido pelo mundo por possuir uma variedade de funções. Poderia ser usada como medicamento em tratamento terapêutico, como insônia, febre, problemas respiratórios, entre outros; espiritual para meditação ou como incenso; ou para simples diversão devido as suas propriedades de ação sobre a consciência levando ao relaxamento e gerando alucinações. “Estimulantes como – a coca, o guaraná, o mate, o café, o chá, a noz-de-cola, dentre outros – foram utilizados em diferentes continentes para produzir incrementos de energia e diminuir a fome” (MACRAE, 2013, p.32).

Ao pesquisar a história de nossos antepassados, observa-se que as drogas já faziam parte do cotidiano, sendo utilizadas em rituais, experiências místicas e espirituais, em tratamentos terapêuticos ou simplesmente para obter prazer e diversão (BUCHER,1992). É oportuno salientar que o consumo dessas drogas na antiguidade, raramente, foi visto como ameaça à sociedade, pois os efeitos de seu uso estavam diretamente relacionados ao contexto social, com seus rituais, costumes e próprios valores coletivos. Segundo MacRae (2013, p. 29), “os efeitos, tanto sociais quanto subjetivos do uso de drogas, são fortemente relacionados aos

seus contextos sociais e aos controles sociais formais e informais vigentes, como as leis e os costumes”.

Na Idade Média, o uso de drogas era considerado uma ameaça à sociedade, membros do clero passam a relacioná-lo à bruxaria e ato pecaminoso conforme relata MacRae (2013, p. 33):

No século IV, a cristianização do Império Romano levou, todavia, ao colapso as antigas noções pagãs sobre o uso de drogas, as quais passaram a ser estigmatizadas não só por sua associação a cultos mágicos e religiosos, mas também por seus usos terapêuticos para aliviar o sofrimento. Em grande parte, isso se deu porque a dor e a mortificação da carne eram concebidas pelos cristãos no poder como formas de aproximação a Deus. Assim, no século X, o emprego de drogas para fins terapêuticos tornara-se sinônimo de bruxaria ou heresia a ser punida, tanto por católicos como por protestantes, com torturas e morte. As acusações serviam, evidentemente, para fins políticos e econômicos. Ajudavam, também, a estigmatizar grupos, como o das mulheres, dos camponeses e dos pensadores que punham em questão os dogmas eclesiásticos.

Durante muito tempo foi possível conviver com o consumo abusivo de álcool sem que tal conduta se configurasse um problema. Entretanto, as consequências deixadas pela guerra e as traumáticas mudanças sociais ocorridas no século XIX propiciaram um crescente aumento do consumo abusivo do álcool (MACRAE, 2013).

Com a Revolução Industrial, houve um aumento na produção do álcool e conseqüente queda de seu preço, difundindo as bebidas industrializadas e aquecendo desse modo o mercado. “Com o advento da industrialização, o álcool começa a ser produzido em grande escala, resultando na redução de preços ao consumidor, o que provocou um estímulo de seu comércio” (BERTONI, 2007, p.3).

A facilidade com que o álcool – por ser uma droga lícita – circula no mercado, tem proporcionado o aumento da adesão e consumo. Os dados decorrentes do uso e abuso do álcool começam a configurar um problema causador de danos individuais e sociais, surgindo, a partir de 1920 nos Estados Unidos, campanhas populares proibicionistas e leis como alternativas para a proibição da venda e/ou consumo da bebida alcoólica.

No período em que vigorou a Lei Seca (entre 1920 e 1932, nos EUA), o consumo e a comercialização de bebidas alcoólicas se mantiveram, sendo produzidas sem qualquer cuidado e supervisão.

[...] na vigência da Lei Seca (década de 1930) nos Estados Unidos, o comércio clandestino foi mais estimulado e, de acordo com alguns autores, nunca se consumiu tanto na história daquele país. Esta não fora apenas uma medida preventiva ou de saúde pública, havia outros interesses que circundavam o favorecimento da vigência desta lei, sobretudo o aumento de impostos e a grande influência do movimento protestante no país. (BERTONI, 2007, p.33).

Na contemporaneidade, as consequências do consumo de álcool e outras drogas passaram a estar relacionadas a danos à saúde e à criminalidade. A dependência do álcool traz uma série de consequências ao indivíduo, como a estigmatização instalada no grupo de alcoolistas que, muitas vezes, são vistos como viciados, bêbados e vagabundos (BARROS 2000, FENFER 1996). Assim, são excluídos da sociedade e esta exclusão se dá também por falta de acesso aos sistemas sociais básicos, como família, moradia, trabalho formal ou informal, saúde, entre outros. Segundo Castanha e Araújo (2006), tal problemática acaba levando este grupo à marginalização e exclusão do restante da população. Reinseri-lo significa reconstruir as perdas, habilitar a pessoa ao exercício pleno da cidadania, resgatando desse modo a rede social inexistente ou desfeita pelo uso prejudicial da bebida.

Ao longo das últimas décadas, os efeitos do álcool foram se tornando mais evidentes e suas consequências sendo refletidas de forma expressiva através da manifestação de doença e da criminalidade. O consumo exagerado de álcool tem contribuído nas estatísticas dos acidentes de trânsito, suicídios e aumento da violência, principalmente no que diz respeito às “brigas de rua” e homicídios (BUCHER,1992). Para Santos e Veloso (2008), o álcool tem sido apontado como a droga mais consumida ou, pelo menos, experimentada no Brasil, sendo, portanto, um dos principais problemas de saúde pública do país.

De acordo com Alfaro (1993), estudos sobre os efeitos do álcool na vida das pessoas são de suma importância, uma vez que são necessários novos instrumentos para dar conta de sua complexidade, já que se trata de um problema de saúde pública com custo social. Para Neves (2004), é imprescindível entender a forma moralizante de representação do alcoolismo: seus efeitos sobre a construção das relações sociais e sua atribuição como fator dissolvente de unidades sociais fundamentais, como a família, ou perturbador do exercício de papéis básicos, como o de trabalhador (a) e esposo (a).

Para Mota (2004), do mesmo modo que o álcool pode servir como fonte de aproximação e socialização, para uma parte da população pode ser causador de discórdia, desunião, rompimento de laços familiares, sociais e profissionais.

O espaço rural, a cada dia, tem assumido uma identidade própria, com demandas e questões a ele inerentes. O rural não se limita ao espaço geográfico, envolve modo de vida, economia, atividades produtivas desenvolvidas e aspectos culturais de um povo. A agricultura já não é mais uma prática exclusiva, as pessoas estão desenvolvendo outras atividades geradoras de renda, vivem em um processo constante de reconstrução da cultura local incorporando novos valores e hábitos. Para Biazzo (2008, p.32):

[...] entre toda esta discussão acerca do rural como categoria e do rural como expressão concreta no espaço e nas sociedades emerge, no entanto, em meados da década de 80 um outro termo: ruralidade. Categoria extremamente maleável, a ideia de ruralidade surge no contexto de reapropriação do rural e construção de uma identidade.

Nesse contexto, com as transformações ocorridas no espaço rural, constata-se que as representações sociais construídas nesse espaço vão refletir diretamente o modo de vida, as referências, os valores, os padrões culturais e mecanismos de inserção social do homem e mulher rural nesta sociedade.

Baseada em observações empíricas, a partir da experiência profissional prévia em área rural, por ser enfermeira e trabalhar com o Programa de Saúde da Família do Ministério da Saúde há 16 anos no meio rural, foi possível, através do vínculo criado entre a Equipe de Saúde da Família e a comunidade, conhecer a realidade vivida pela população pesquisada e observar que o impacto do consumo nocivo de bebidas alcoólicas, bem como a dependência de álcool<sup>1</sup> também é uma constante naquele espaço, sendo comum a iniciação do consumo de álcool na adolescência. Outro fator, também, intrigante é a livre comercialização sem adequada fiscalização.

---

<sup>1</sup> Segundo a Associação Americana de Psiquiatria (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, DSM-IV), o diagnóstico de uso nocivo de bebidas alcoólicas é feito quando são identificados danos físicos, mentais ou sociais inequivocamente ligados ao consumo de álcool ao mesmo tempo em que não se verifica dependência. Por sua vez, a dependência de álcool é identificada quando o usuário apresenta três (ou mais) dentre sete critérios. Esses critérios incluem tolerância, sintomas de crise de abstinência (que indicam dependência fisiológica), desejo persistente pela droga, entre outros (SOUZA, 2012, p.42).

A fim de conduzir o estudo, como também promover um aprofundamento do tema, estabelecemos as seguintes questões norteadoras: Quais as representações sociais de homens e mulheres rurais sobre o álcool? Como os grupos sociais contribuem para a formação dessas representações sociais?

Na busca por respostas a tais questionamentos surge a seguinte hipótese: no espaço rural, assim como nos grandes centros urbanos, a memória das pessoas acerca da bebida alcoólica é construída cotidianamente. As representações sociais elaboradas pelos homens e mulheres rurais em relação ao uso do álcool refletem diretamente na produção de seus comportamentos e de suas relações.

Imbuída na necessidade de responder a tais questionamentos, este estudo tem como objetivo geral: analisar as representações sociais de homens e mulheres rurais sobre os usos do álcool. Para alcançar tal propósito foram traçados os seguintes objetivos específicos: aprofundar os estudos sobre Memória, Representações Sociais e Alcoolismo; identificar, por meio da análise de conteúdo, quais as Representações Sociais de homens e mulheres rurais sobre o álcool, bem como a relação de tais representações no cotidiano dessas pessoas.

Entre os quadros teóricos metodológicos, o das representações sociais nos pareceu o mais adequado por entender que o objeto e o sujeito não são distintos, ou seja, que o objeto é socialmente construído a partir do conhecimento que as pessoas têm do seu mundo, dando-lhe significado e identidade social. Logo, compreender as representações sociais de homens e mulheres rurais sobre os usos do álcool implica em relacionar os conhecimentos representados com as evidências disponíveis, isto é, a realidade social. Desse modo, o trabalho foi direcionado para a área da psicologia social, tendo como campo de estudo a Teoria das Representações Sociais.

Estudar as representações sociais de homens e mulheres rurais sobre os usos do álcool faz-se importante, pois as discussões e pesquisas já realizadas ainda não dão conta da complexidade que tal problemática se insere. Buscar compreender as razões que fundamentam as relações de consumo, comercialização e distribuição, na zona rural, pode proporcionar uma melhor compreensão do “caráter construtivo da memória”<sup>2</sup> que se quer conhecer. Para Sá (2007, p.291), a memória

---

<sup>2</sup> Os “quadros sociais da memória”, em Halbwachs (1925/1994), e a “convencionalização social”, em Bartlett (1932/1995), regem as respectivas preocupações construtivistas. De fato, ambos os autores, nessas e em outras proposições, demonstram consistentemente o caráter não meramente

humana é socialmente determinada pelo grupo, instituições, marcos mais amplos da sociedade, recursos culturais, reconstruções do passado em função da realidade presente. Ao formar o caráter construtivo da memória social, “sua memória e pensamento estão intrinsecamente relacionados e são praticamente indistinguíveis”. Em outras palavras, para Sá (2007), é a partir da interação e da comunicação social, bem como a representação social acerca do passado, que a memória é construída e atualizada. Assim, investir no campo da memória torna-se imprescindível porque traz um conjunto de significações e recursos de experiências humanas.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois visa à utilização de um referencial de coleta e interpretação de dados de modo a compreender o que foi documentado mediante evidências concretas complementadas pela maneira como determinado costume é observado, conhecendo a realidade do homem e da mulher rural, seus traços característicos, seus problemas, seus valores, seu cotidiano, enfim, seu mundo de significações. Apesar de o estudo qualitativo ter sua lógica implícita, não se pode esquecer que as operações quantitativas visam, conforme Lopes (1990, p.133), à “reconstrução da realidade do fenômeno através de operações técnico-analíticas que convertem os dados de fato em dados científicos”.

Partindo da premissa de que não se faz ciência deixando que os fatos falem por si mesmos, é preciso saber ouvi-los, então se optou pela observação direta do comportamento dos fenômenos e fatos, refletindo, questionando e criando hipóteses. Foi utilizado como instrumento de pesquisa o diário de campo através do qual foram registradas as observações de fatos e acontecimentos sociais, as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no processo, os conflitos, as visões de mundo, as formas de organização social, os processos de trabalho, o contexto de vida e dados colhidos a partir da convivência com a comunidade rural pesquisada ao longo do processo de investigação. O diário constituiu uma importante ferramenta, visto que permitiu a sistematização de informações importantes relativas a experiências vividas no meio rural, contribuindo, assim, no processo de análise dos resultados encontrados.

Além do diário de campo foi utilizada, também, como método de coleta de dados, a aplicação de um questionário semiestruturado aberto, o qual, seguindo um

roteiro, possibilitou o aproveitamento das informações enriquecendo a pesquisa e criando uma conexão com a realidade vivida.

O cenário da pesquisa foi uma comunidade situada na zona rural de um município da mesorregião de Vitória da Conquista, no Centro-Sul da Bahia e participaram da pesquisa 20 pessoas contatadas por meio da Unidade de Saúde da Família que declararam fazer uso frequente de bebida alcoólica.

Para fins de organização, esta dissertação está apresentada da seguinte forma: Descrição do objeto de estudo – Representação Social, Memória Coletiva e Bebidas Alcoólicas, em que se buscou estudar alguns conceitos e fundamentações teóricas acerca das Representações Sociais e Memória Coletiva; Bebidas Alcoólicas e Comunidade Rural; Álcool e Alcoolismo, sua Relação com o Meio Rural, fazendo uma breve contextualização histórica do alcoolismo na humanidade relacionando-o com o meio rural; Caminhos da Pesquisa – em que são descritos o cenário da pesquisa, a trajetória metodológica, a descrição das categorias e os resultados da pesquisa; e, por fim, a conclusão.

A seguir serão abordados os mecanismos a partir dos quais essas representações sociais e memória coletiva são construídas em relação às bebidas alcoólicas.

## **2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, MEMÓRIA COLETIVA E BEBIDAS ALCOÓLICAS**

O consumo de bebidas alcoólicas é uma prática comum em nosso meio. As representações sociais de uma comunidade permitem compreender a maneira como as pessoas vivenciam a experiência do consumo da bebida alcoólica propagando uma prática construída a partir da memória coletiva, define padrões sociais, produz crenças e atitudes sobre o uso de bebidas.

As práticas cotidianas e as relações sociais estabelecidas retratam as representações construídas a partir da memória coletiva. As representações sociais têm constituído um importante instrumento explanatório para a coletividade, pois penetra na vida cotidiana, torna-se realidade compartilhada, buscando a interação entre as pessoas, levando à corporificação das ideias em experiências coletivas.

A memória coletiva e as representações sociais são construídas e compartilhadas socialmente pelo grupo. A prática de consumo de bebida alcoólica constitui uma rotina que se encontra embutida no cotidiano de muitas pessoas por representar uma prática vivida no passado que se mantém preservada na atualidade. No convívio com o grupo, as representações são criadas e evoluídas, assim as relações sociais vão gerar atitudes e práticas de representações sociais.

O indivíduo que faz uso excessivo de bebida alcoólica se encontra inserido em um contexto que nos convida para a reflexão: como ser socio-histórico, este indivíduo tem uma visão de mundo, um papel social, apesar de muitas vezes ser vítima de preconceito e desenvolver padrões comportamentais que afetam suas relações sociais. Assim, esses sujeitos passam a ter, muitas vezes, uma vida de negação, com privação de alguns direitos como o respeito à própria dignidade. O convívio social impõe ao indivíduo certos ajustamentos para atender às demandas da vida em grupo.

O estudo sobre alcoolismo constitui uma grande fonte de pesquisa tanto na área da saúde quanto na da psicologia. É grande o número de estudos psicossociais que buscam compreender os fenômenos a ele ligados e nesse sentido é que nos colocamos à disposição para entender o alcoolismo sob a luz do pensamento social e da memória de homens e mulheres rurais que consomem bebidas alcoólicas, os quais constituem atores sociais que produzem e reproduzem fenômenos de representação. Assim sendo, veremos a seguir algumas reflexões sobre

representações sociais seus conceitos e processos, memória coletiva e bebidas alcoólicas e comunidade rural.

## 2.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: CONCEITOS E PROCESSOS

Ao viver em sociedade, o indivíduo necessita manter-se em sintonia com os acontecimentos que ocorrem ao seu redor. Precisa adaptar-se ao meio enfrentando as adversidades e superando os conflitos. Para isso forma as representações como veículo condutor de reconhecimento e apreensão da realidade social. Nesse processo de criação da representação, Jodelet (2001, p.17) afirma que “[...] partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis por que as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana”.

Conceituar representação social não é uma tarefa fácil devido a sua complexidade. O próprio Moscovici não iniciou suas discussões conceituando-a. Relatou o modo como as representações sociais são estabelecidas e produzidas, argumentando que apesar da facilidade em reconhecer uma representação, atribuir um conceito a ela se torna uma tarefa difícil por envolver questões de ordem social e psicológica. Assim, Moscovici passa a considerar as representações como fenômenos (SÁ, 2002, p. 30).

Segundo um pensamento sociopsicológico, Moscovici demonstra que para explicar fenômenos sociais, faz-se necessária a aplicação de critérios psicológicos para dar coerência e legitimidade às suas análises. Dessa forma, “o referencial explanatório exigido para tornar os fenômenos sociais inteligíveis deve incluir conceitos psicológicos, bem como sociológicos” (MOSCOVICI, 2003, p 12).

Para Moscovici, as representações sociais compreendem pensamentos, sentimentos, emoções, práticas, afetos e cognição que se apresentam em constante mudança no tempo e na história (CASTANHA e ARAÚJO, 2006, p. 87).

Representações sociais implicam relações sociais e psíquicas e a interação estabelecida entre os grupos. Nesse contexto, Jodelet (2001, p.26) sinaliza que

[...] as representações sociais devem ser estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais e integrando – ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação – a consideração das

relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e educativa sobre a qual têm de intervir.

Desse modo, as representações passam a ser responsáveis pela difusão e apreensão dos conhecimentos além da formação da identidade do grupo, considerando as suas experiências e implicações normativas e seu caráter social.

Moscovici (2003, p.34) atribui precisamente duas funções às representações: “Em primeiro lugar elas convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram [...]. Em segundo lugar, representações são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível”.

Logo, as representações têm a propriedade de criar uma padronização definitiva dos elementos, assumindo uma categoria que é partilhada pelo grupo de pessoas, tornando-se, portanto, uma forma de representação comum e convencional, aceita socialmente. Essas convenções determinam as significações previamente firmadas pelo grupo social, as quais dependem de algumas convenções preliminares que vão definir nossas condutas criadas a partir de uma realidade construída dessas convenções que vão definir os padrões que devem ou não ser seguidos. “Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostas por suas representações, linguagem ou cultura” (MOSCOVICI, 2003, p.35).

Nossas representações não se encontram relacionadas ao nosso modo de pensar, pois o modo como agimos e pensamos depende das representações. Segundo Moscovici (2003, p.37), as representações “são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações”. Todo esse arcabouço de acontecimentos está firmado na memória coletiva do grupo e é reproduzido de modo que as representações sociais sejam capazes de influenciar o comportamento de uma pessoa membro de um grupo.

As experiências e ideias passadas influenciam ativamente as experiências e ideias atuais, o poder com que aspectos do passado perpetuam é peculiar das representações sociais. É possível afirmar que o comportamento do indivíduo integrante de um grupo social está sujeito à influência das representações sociais ao tempo em que tais representações aparecem como produto de seus atos e comunicação.

Segundo Moscovici (2003, p.41):

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu.

A Teoria das Representações Sociais se relaciona com o estudo do registro dos fenômenos sociais, das reproduções simbólicas, categorização e organização dos acontecimentos. Moscovici (1978, p.44) afirma que “[...] a representação social constitui uma das vias de apreensão do mundo concreto, em seus alicerces e em suas consequências”.

Essa teoria foi elaborada para propor mudanças no pensar científico na medida em que se inserem os fatos sociais como instrumento de transformação da realidade, esta entendida como processo. Surgiu para romper com a visão ambígua de Durkheim (1858 – 1917), o qual formulou suas ideias separando de forma radical as representações em individuais no campo da psicologia, e as coletivas da sociologia, demonstrando que as Representações Coletivas não se constituem em um domínio situado à parte e dissociado do psíquico e emocional. “O esforço para estabelecer a sociologia como uma ciência autônoma levou Durkheim a defender uma separação radical entre representações individuais e coletivas” (MOSCOVICI, 2003, p.13).

O conceito de Representação Social foi proposto por Moscovici no final de 1950, quando um longo debate em torno da psicanálise mobilizou Paris, estudantes universitários e intelectuais. “Foi inaugurado através de sua obra seminal, *La Psychanalyse, son image et son public* (1961, 1976), sobre representação social da psicanálise mantida pela população parisiense em fins dos anos cinquenta” (SÁ, 2002, p. 29).

Representações sociais tratam-se da utilização do saber popular, historicamente construído, na reconstrução do real, sendo essa interpretação da realidade traduzida em um conjunto lógico do pensamento que vai construir a visão de mundo para uma coletividade (MOREIRA, 2001, p.71).

Buscar conhecer os fenômenos que conduzem as atitudes e tomadas de decisões das pessoas é de extrema importância para compreender como se dão os

processos de interações sociais tornando evidentes os determinantes das práticas sociais. “O sucesso desta teoria é testemunho da renovação do interesse pelos fenômenos coletivos, e mais exatamente pelas regras que regem o pensamento social” (ABRIC,1998, p. 27).

Denise Jodelet (1989a apud SÁ, 2002, p.32) define representação social como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. O que se destaca nessa orientação é que a abordagem das representações tem um fim prático que diferente da fenomenologia que normalmente busca conhecer o fenômeno nas representações sociais não apenas conhece, mas também pode propor inclusive deduções para intervir em uma representação buscando a sua modificação.

Para Abric (1998, p.28):

A representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, ela vai determinar seus comportamentos e suas práticas. A representação é um guia para a ação, ela orienta as ações e as relações sociais. Ela é um sistema de pré-decodificação da realidade porque ela determina um conjunto de antecipações e expectativas.

Nessa perspectiva, a realidade é representada pelo indivíduo ou grupo, considerando nesse processo seus valores, sua história e seu contexto social, sua visão de mundo conduzirá suas práticas e atitudes permitindo compreender seu próprio sistema de referências.

Entretanto, os fenômenos que envolvem as representações sociais são complexos, ativos e influenciam diretamente a vida social, tornando-se objeto de investigação, cabendo, portanto, à ciência o importante papel de melhor compreendê-la. Para Jodelet (1993, p.4)

Em sua riqueza fenomênica assinalam-se elementos diversos, os quais são às vezes estudados de maneira isolada: elementos informativos cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. Mas esses elementos são sempre organizados como uma espécie de saber que diz alguma coisa sobre o estado da realidade. E é esta totalidade significativa que, relacionada à ação, encontra-se no centro da investigação científica. Esta assume a tarefa de descrevê-la, analisá-la, explicar suas dimensões, formas, processos e funcionamento.

Toda representação é construída na relação do sujeito com o objeto representado, logo, uma representação social não pode ser compreendida enquanto processo cognitivo individual, já que provém das interações sociais. Tais afirmações encontram-se apoiadas em Abric (1998, p.27) que diz que “o objeto está inscrito em um contexto ativo, sendo este contexto concebido pela pessoa ou grupo, pelo menos parcialmente, enquanto prolongamento do seu comportamento, de suas atitudes e das normas às quais ele se refere”.

Assim, esta teoria tem como princípio romper com a dicotomia entre o objeto e sujeito, fortemente defendida pela abordagem behaviorista, conferindo um novo olhar à realidade que passa a ser representada e reconstruída no sistema cognitivo pelo indivíduo e pelo grupo de acordo com sua visão de mundo e contexto social. Segundo Jodelet (2001, p. 22), “[...] não há representação sem objeto”. Logo, pode-se dizer que toda representação é o produto de ligação do sujeito com o objeto e tem a particularidade de estabelecer, a partir do desenvolvimento de simbologias e atribuição de significações das mesmas, uma construção do sujeito.

Os fenômenos de representação seguem uma dinâmica de familiarização em que acontecimentos, pessoas e objetos são, a partir de suas interações, dados uma feição familiar e atual. Como resultado disso ocorre uma predominância da memória que deixa suas marcas nas representações.

Ao analisar a formação das representações sociais, Moscovici (2003) explicita dois processos maiores: a objetivação e a ancoragem. Não se trata de processos sucessivos, mas concomitantes e interrelacionados. Quando esses processos sociocognitivos formadores da representação social materializam o objeto abstrato ocorre o processo de objetivação e quando contextualiza o objeto, tornando-o familiar, ocorre o processo de ancoragem (VALA, 2006).

A ancoragem “é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2003, p.61). Ocorre a familiaridade do novo tornando-o comum, adquirindo uma identidade própria, uma consolidação do simbólico que passa a ser representado, influenciando, desse modo, no comportamento do grupo.

Ancorar é categorizar, classificar, nomear, colocar em um contexto familiar, em uma imagem comum.

Ao classificar delimita-se todo um conjunto de comportamentos e regras que vão definir os padrões que deverão ser aceitos pelos indivíduos pertencentes a uma comunidade. Quando se categoriza algo ou alguém, escolhe-se um paradigma que se encontra estocado em nossa memória estabelecendo uma relação positiva ou negativa com ele (MOSCOVICI, 2003, p.63).

No processo de ancoragem, o caráter classificatório e de categorização permite formar uma identidade social ao que não estava identificado, dando sentido ao que antes não o tinha. Os seres e objetos passam a ter um sentido no mundo consensual. “Seu objetivo principal é facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões” (MOSCOVICI, 2003, p.70).

Para Vala (2006, p.474),

[...] de fato, as representações sociais oferecem uma rede de significados que permitem a ancoragem da ação e a atribuição de sentido a acontecimentos, comportamentos, pessoas, grupos, fatos sociais. Uma representação social é um código de interpretação o qual ancora o não familiar, o desconhecido, o imprevisto. Nesta segunda modalidade, a ancoragem refere-se à instrumentalização social do objeto representado.

Como é possível observar na citação anterior, a ancoragem pode dar margem à construção de novas representações ou até mesmo transformação das já constituídas.

A ancoragem auxilia no processo de construção das representações, introduzindo-as no meio social, dando significações, tornando parte constituinte dos valores sociais. Nessa perspectiva, Jodelet (2001, p 39) afirma que “[...] a ancoragem serve para a instrumentalização do saber, conferindo-lhe um valor funcional para a interpretação e a gestão do ambiente”.

No que se refere à objetivação, esse processo “une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade” (MOSCOVICI, 2003, p.71).

“A objetivação diz respeito à forma como se organizam os elementos constituintes da representação e ao percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade e se tornam expressões de uma realidade pensada como natural” (VALA, 2006, p.465). Essa afirmação permite a compreensão de que o processo de objetivação inclui dois momentos: o que vai do objeto a sua imagem,

sendo caracterizado pela construção seletiva e pela reorganização dos aspectos retidos em um modelo figurativo e simplificado do objeto, e o segundo momento marcado pela naturalização do objeto, o que era abstração torna-se realidade plena.

Segundo Moscovici (2003, p.71), “objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem”. Quando esta imagem se torna uma realidade, já é representação.

Como já mencionado anteriormente, a objetivação e a ancoragem desenvolvem-se concomitantemente e estão inter-relacionadas, dando sentido às representações sociais. Desse modo, Moscovici (2003, 78) afirma:

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro; está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

Assim, pode-se constatar que a representação ao mesmo tempo em que sofre influência do meio também é influenciada, uma vez que se torna parte integrante deste meio, permitindo, assim, uma nova compreensão da realidade.

Acreditamos que as representações sociais, enquanto imagens construídas sobre o real, possuem graus diversos de clareza e nitidez em relação à realidade na medida em que buscam conhecer fenômenos coletivos, bem como as regras que regem o pensamento social. Nesse sentido, este enfoque foi utilizado para a partir do pensamento, do senso comum, poder compreender como os homens e mulheres rurais manifestam, identificam e se comportam perante o consumo do álcool, bem como justificam e explicam suas condutas diante do grupo.

## 2.2 MEMÓRIA COLETIVA

Nossa cultura e nossos gostos demonstrados em nossas escolhas e nas nossas relações sociais têm muita significação. São representações do passado retratadas a partir de hábitos, costumes e estilo de vida do grupo. Reafirmando Halbwachs (1990, p.46) quando diz:

[...] na sociedade de hoje, o passado deixou muitos traços, visíveis algumas vezes, e que se percebe também na expressão dos rastos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos por tais pessoas e dentro de tais ambientes, nem nos apercebemos disto, geralmente.

Nessa perspectiva, o mecanismo construtivo da memória se dá através da representação social do presente, resgatando e reconstruindo o passado, mediante eventos representativos atuais e tendo os marcos sociais como referência na condução desse processo.

O indivíduo, ao viver em sociedade, traz consigo características geradas a partir de suas interações e relações estabelecidas no meio em que está inserido, destacando-se o valor social da memória sendo esta, fruto de acontecimentos coletivos.

Há muito tempo que o campo da memória vem sendo trabalhado como objeto de estudo no âmbito das ciências sociais e humanas. O sociólogo francês Maurice Halbwachs, em 1925, já trazia em sua obra **Los marcos sociais de la memoria** uma introdução ao conceito de memória coletiva. Ele buscou, em sua obra, o papel da sociologia da memória na representação dos eventos que marcaram o final do século XIX e início do XX até a guerra de 1914 com todo um conjunto de significações que marcaram a cultura europeia. De acordo com **Los Marcos** e, posteriormente, reforçado pela obra **La Memoria Coletiva**, também de sua autoria, Halbwachs (1990) buscou enfatizar a importância da vivência do grupo no processo construtivo da memória.

Através da memória coletiva, práticas sociais são transmitidas, apreendidas e conservadas pelo grupo por muito tempo. Traços do passado vão construir a memória presente a fim de que possa ser reproduzida às gerações.

Para Halbwachs (1990), há diversas memórias coletivas na sociedade, sendo que o que as mantém viva são as demandas do presente, assim declaram Magalhães e Almeida (2011, p.101)

[...] podemos dizer que a memória está intrinsecamente relacionada com as práticas político-culturais de uma sociedade, de um povo, de uma nação etc., e que algumas são mantidas na ordem do dia – como é o caso de algumas comemorações – ao passo em que outras permanecem submergidas. Assim, sublinhamos a existência de muitas memórias coletivas, plurais mantidas por interesse de seus grupos de referência social.

É oportuno salientar que apesar de existir várias memórias de acordo com o mecanismo de reprodução algumas são priorizadas, outras esquecidas, a depender da necessidade do grupo social e das relações estabelecidas por este grupo. Desse modo, é possível afirmar que há certo controle sobre a memória, sendo algumas legitimadas e postas em evidência enquanto outras são menos validadas. Isso nos mostra a importância da memória coletiva na consolidação das relações sociais.

O grupo busca a representação do passado através da memória, nesse aspecto a memória produz experiências cotidianas que envolvem saberes, marcam as pessoas, tornam-se práticas, critérios com os quais lembramos e esquecemos.

É difícil compreender a forma como o sujeito utiliza a memória para representar no presente fatos ocorridos no passado que hoje estão ausentes e por ventura nesse processo de retomada, por intermédio da memória, sofrerá os entraves do esquecimento. “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” (RICOEUR, 2007, p.40). Logo, a memória além de armazenar os dados mnemônicos dará nova significação às coisas. Ao representar as coisas anteriores dará um novo formato aos dados que foram rememorados. O esforço dessa rememoração – *ars memoriae* segundo Ricoeur (2007) – é o responsável pela busca do saber do passado que se mantém agora armazenado na memória.

A memória se encontra intimamente relacionada com o campo da fenomenologia na medida em que suas lembranças encontram-se atreladas a acontecimentos vividos em algum momento. “No plano fenomenológico no qual nos situamos aqui dizemos que nos lembramos daquilo que fizemos, experimentamos ou aprendemos em determinada circunstância particular” (RICOEUR, 2007, p.42).

O indivíduo pode transcrever experiências passadas, transmitidas às gerações através das representações sociais, as quais vão consolidar, exteriorizar, compreender e interpretar o presente de uma coisa ausente, permitindo um diálogo entre a memória e o passado, o que configura a epistemologia histórica em torno da memória. Para Ricoeur (2007, p.248), “[...] é em termos de representação que pode ser formulado o alvo da memória enquanto é dita do passado”.

O indivíduo se lembra a partir de quadros sociais que guardam e regulam os fluxos das lembranças. Instrumentos tais como tempo, espaço, valores, linguagem, entre outros que a memória utiliza para rememorar as imagens do passado de

acordo com os pensamentos dominantes da sociedade. Para Halbwachs (1990), a memória é um fenômeno através do qual se reconstrói o passado em função da realidade presente. Ele atribui um importante papel aos marcos sociais do presente no processo de construção da memória através dos quais é permitido lembrar eventos em diferentes momentos no passado.

Pode-se afirmar que o mecanismo construtivo da memória se dá através da representação social do presente, resgatando e reconstruindo o passado mediante eventos representativos atuais e tendo os marcos sociais como referência na condução desse processo. Assim, segundo Marie (1998, p.08), “no fundo a seletividade da memória não é outra que a capacidade de comandar o sentido do passado com base nas representações, visões de mundo, símbolos ou ‘conceitos’ que permitem aos grupos sociais pensar o presente”.

Para Neves (2004), é imprescindível entender a forma moralizante de representação do alcoolismo: seus efeitos sobre a construção das relações sociais e sua atribuição como fator dissolvente de unidades sociais fundamentais, como a família ou perturbador do exercício de funções básicas, como o de trabalhador e esposo. Para Mota (2004), do mesmo modo que o álcool pode servir como fonte de aproximação e socialização, para uma parte da população pode ser causador de discórdia, desunião, rompimento de laços familiares, sociais e profissionais.

Então, passamos a compreender a memória como resultado das relações do indivíduo com o meio social. Como um conjunto de recordações partilhadas em um grupo através do qual são assentados quadros de significações coletivas num contexto cultural. Ao considerar a memória um sistema cultural com uma dimensão simbólica e de significação coletiva, a aceção de cultura passa a ser entendida como práticas sociais que se reproduzem ao longo do tempo.

Nessa perspectiva, o que chamamos de cultura são as práticas sociais transmitidas coletivamente a partir de memórias coletivas, de grupos, que são socialmente abstraídos e mantidos ao longo do tempo, mesmo em suas modificações. (MAGALHÃES e ALMEIDA, 2011, p. 100).

As pessoas naturalmente em suas relações e práticas cotidianas formam representações para interagirem no meio social de modo criar uma forma de estabilidade neste grupo de convivência. Essas representações se dão pelas

interações e experiências vivenciadas no grupo de pertencimento, sejam movidas pelos meios de comunicação de massa, sejam pela escola, enfim, pelos mais diversos canais difusores de pensamentos e valores do grupo. Assim, Sá (2007, p.291) declara:

Num sentido complementar, observa-se a ocorrência de memória no pensamento do tipo “representações sociais”, através da ancoragem de experiências novas em conhecimentos preexistentes, o que já levou Moscovici (1976) a declarar que no conhecimento social o passado frequentemente prevalece sobre o presente e a memória sobre a dedução.

A memória, dessa forma, produz as representações sociais a partir de marcos sociais do passado. Para Halbwachs (1990), nossas recordações estão vinculadas não apenas sobre as nossas lembranças, mas também nas dos outros. Logo, “[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 16). Ela encontra-se ancorada a uma base social evocando experiências vividas pelo grupo na coletividade. Ainda segundo Halbwachs (2006, p.39),

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.

Nesse sentido, para evocar seu próprio passado, em geral, o indivíduo precisa recorrer às lembranças das outras pessoas. Está enraizada em diferentes contextos, com a participação de diferentes pessoas. O indivíduo mantém uma relação intrínseca entre memória individual e coletiva, pois suas lembranças vêm a partir das relações sociais. Segundo Magalhães e Almeida (2011, p. 99), a memória não surge de indivíduos isolados, mas a partir de marcos sociais, das interações e do lugar ocupado pelo sujeito no grupo.

A constituição da memória de um indivíduo é uma combinação aleatória das memórias dos diferentes grupos dos quais ele faz parte e sofre influência, daí a pessoa guardar variadas memórias. Ou melhor, a memória individual pode ser considerada como a composição de vivências de uma pessoa em diferentes grupos

ao mesmo tempo. Convém salientar que não há apenas uma memória coletiva, existem várias memórias, o indivíduo participa, durante a sua vida, de vários grupos concomitantemente. Desse modo,

[...] cada homem está mergulhado ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos. Cada grupo, aliás, se divide e se restringe, no tempo e no espaço. É no interior dessas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas [...]. (HALBWACHS, 1990, p.54).

Assim, podemos considerar a existência de várias memórias coletivas, que são conservadas em conformidade aos propósitos de seus grupos de pertença. Dessa forma, para Magalhães e Almeida (2011, p.101):

Se há diversas memórias coletivas, certamente algumas são mantidas socialmente conforme as exigências ou necessidades do presente. Dessa perspectiva, podemos dizer que a memória está intrinsecamente relacionada com as práticas político-culturais de uma sociedade, de um povo, de uma nação etc.

Fica claro que os fenômenos que tratam a memória, bem como as representações sociais, encontram-se intimamente relacionados às práticas construídas e partilhadas socialmente pelos grupos. Percebe-se a dimensão social da memória na medida em que tomam como referência quadros sociais, tais como rituais, costumes, hábitos, eventos sociais significativos capazes de permitirem ao indivíduo ou grupo compor sua memória.

### 2.3 BEBIDAS ALCOÓLICAS E COMUNIDADE RURAL: APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO

Estudar representação social envolve aspectos mais abrangentes, como convívio familiar, hábitos e costumes, fatores religiosos, políticos e culturais de uma população, que são questões que vão influenciar a formação da memória. As tradições e valores de um grupo são socialmente compartilhados e passam a fazer parte de suas lembranças na medida em que ficam armazenadas na memória do grupo.

A transmissão de um comportamento através da memória produz uma significação a esse processo, o que lhe confere uma identidade, sendo, portanto, objeto de representação.

Ao observarmos o processo de construção da memória, o indivíduo transporta lembranças e imagens de pertença a um grupo que, segundo Halbwachs (1990), vai influenciar as relações sociais. Para ele, nas sociedades rurais, é comum confiar aos mais velhos a atribuição de transmitir os costumes e tradições às crianças, enquanto seus pais estão no campo ou envolvidos em outras atividades diárias. Uma história que se mantém viva, que perpetua ou se renova através dos tempos. Nossa cultura e nossos gostos demonstrados em nossas escolhas e nas nossas relações sociais têm muita significação.

As comunidades rurais são dotadas de saberes e práticas socialmente construídos. As tradições locais e a transmissão de valores culturais compartilhados e apreendidos pelo grupo demonstram o papel mediador das representações sociais entre os fenômenos simbólicos compartilhados e a memória.

Muitas manifestações culturais são transmitidas de pessoa a pessoa, de pai para filho, de um grupo para outro, através de registros guardados nas lembranças do grupo. A transmissão se dá através da memória que passa a assumir o papel de garantir a perpetuação dos saberes culturais de geração em geração.

Pesquisar a ligação entre memória e representação social faz-se necessário para compreender a representação social do homem e mulher rural sobre os usos do álcool. Conhecer a realidade das comunidades rurais com seus valores e significações nos dá subsídios para compreender tal articulação.

Quando nos reportamos ao ambiente rural, gostaríamos de enfatizar que este rural possui um sentido próprio, o qual não se limita ao território, vai além, envolve relações estabelecidas e todo um conjunto de significações socialmente constituídas neste local.

Observa-se a emergência de um espaço rural multifuncional com a introdução de uma maior diversificação econômica, em meio a novas formas de produção e subsistência, em visível contraste com o que dominava no passado. A expansão do tecido urbano sobre as áreas rurais e o crescimento do número de pessoas ocupadas em atividades consideradas até então como exclusivamente urbanas indicam a existência de um novo paradigma socioespacial no Brasil. (REIS, 2006, p.2)

Apesar da modernização da agricultura, urbanização e industrialização, a população rural ainda conserva particularidades inerentes às relações histórico-culturais construídas nesse espaço, que independente do lugar do agricultor na

sociedade moderna não se dissolve. O espaço rural guarda laços profundos de ordem social e simbólica de seus antepassados. Para Wanderley (2000, p.88), “o rural não se constitui como uma essência, imutável, que poderia ser encontrada em cada sociedade. Ao contrário, esta é uma categoria histórica, que se transforma”.

Atualmente, indivíduos ou grupos rurais têm produzido hábitos urbanos mesmo em um contexto cultural distinto, o que nos leva a perceber que os processos de representação estão em confluência com a modernidade. Na reapropriação do rural e na construção de uma identidade, a qual está em constante mudança, surge o conceito de ruralidade, que segundo Biazzo (2008, p. 2), “[...] é a maneira de viver o rural que varia em função do contexto que se analisa”.

O espaço rural manifesta características peculiares e individuais conferindo a ele uma ruralidade, que nada mais é que uma identidade própria. Durante todo seu caminhar, mudanças e transformações ocorreram, as quais definiram a magnitude de sua evolução e desenvolvimento. As influências do meio, a vida em sociedade, os vínculos sociais, econômicos, políticos e ideológicos estabelecidos vêm retratar sua realidade social.

Logo, fica clara a ideia do espaço rural como um território em construção nestes processos de mudanças tecnológicas, do trabalho e do predomínio de uma lógica instrumental econômica formal. Por conseguinte, temos no Brasil uma ruralidade em (re) construção sob um processo complexo, não unidirecional, e que se revitaliza na sua complementaridade intrínseca com o urbano e que ainda carece de análises, estudos locais e regionais acerca de suas singularidades. (QUEIROZ NETO, PIANA e BERGAMASCO, 2011, 149).

Nesse sentido, o meio rural passa a constituir um espaço com diferentes influências culturais, sociais, econômicas que concorrerão para a constituição de um novo rural. Assim:

O rural não pode ser interpretado, portanto, apenas como a penetração do urbano-industrial naquilo que se definia convencionalmente como rural, mas igualmente pelo consumo, realizado pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e materiais e de práticas culturais reconhecidas como próprios do dito mundo rural. (FROEHLICH, 2002, p.3).

Portanto, a ruralidade pode ser entendida como um processo em constante mudança através do qual são incorporados valores, hábitos e costumes a todo momento.

O meio rural vem passando por mudanças no que diz respeito aos modos de produção e formas de relações sociais estabelecidas. Essas mudanças atribuem ao rural nova identidade o que o torna cada vez mais com traços característicos do meio urbano. Neste sentido, “torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais” (CARNEIRO, 1998, p. 53).

É importante salientar que o meio rural não tem mais a agricultura como atividade predominante. Atualmente, é possível constatar uma redução do número de pessoas que se ocupam com a atividade agrícola e associado a isso um considerável aumento do número de pessoas que buscam no meio urbano seu meio de subsistência sem contudo, deixar o seu habitat.

Outro fator que também merece destaque é que o meio rural tem despertado interesse a muitas pessoas que buscam uma fonte de lazer. Segundo Carneiro (1998, p. 57), “o ar puro, a simplicidade da vida e a natureza são vistos como elementos ‘purificadores’ do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial. O campo passa a ser reconhecido como espaço de lazer ou mesmo como opção de residência”.

A constituição de novos valores imprime um novo olhar para o mundo rural. Uma realidade onde o rural é modernizado e a interação entre o rural e o urbano vai conferir sua identidade.

A área urbana e rural no Brasil é definida por leis municipais, sendo urbanas as populações residentes nas áreas das cidades, das vilas e das aglomerações definidas como urbanas em órgãos oficiais e a rural as que residem fora desses limites (ROUQUAYROL e ALMEIDA FILHO, 1999, p.105).

O mundo rural progressivamente está sendo transformado. A atividade agrícola e agropecuária não é mais a principal fonte de renda, surgem outras oportunidades e meios de subsistências, os veículos de comunicação de massa e redes sociais já estão ao alcance da maioria. Há um processo de integração entre o campo e a cidade. Do mesmo modo, formas diferenciadas de representações sociais podem ser construídas a partir dos conhecimentos socialmente formulados no pensamento de cada indivíduo de um grupo acerca da ingestão de bebida

alcoólica cuja apreensão dessa prática é transmitida através das gerações, sendo legitimada pelo grupo, tornando-se, portanto, memória coletiva.

Concordando com Duveen (apud MOSCOVICI, 2003, p.8), as pessoas, normalmente, em suas relações e práticas cotidianas, formam representações para interagirem no meio social visando criar uma forma de estabilidade neste grupo de convivência. Essas representações se dão pelas interações e experiências vivenciadas no grupo de pertencimento, sejam movidas pelos meios de comunicação de massa, sejam ou pela escola, enfim, pelos mais diversos canais difusores de pensamentos e valores do grupo.

No que se refere ao consumo de álcool, constroem um sistema de representação através do qual é capaz de administrar suas interações com a bebida alcoólica criando estratégias a fim de tornar a sua utilização uma prática comum e natural no meio social. Este processo pode ser fortemente efetivo na medida em que os homens e mulheres rurais expressem, seja pela fala, seja pelo comportamento, suas aspirações sobre o álcool, seus sentimentos, influências e significações em suas vidas.

O consumo de bebida alcoólica é um hábito que faz parte do contexto cultural de muitas pessoas. A comunidade rural pode ser classificada como um universo social imbuído de costumes, representações, simbologias e valores próprios capazes de conduzir seus membros à reestruturação de suas condutas perante o consumo de álcool, bem como das representações dos fenômenos a ele relacionados.

Enfim, a Teoria das Representações Sociais funciona como um importante instrumento de reconhecimento do objeto de estudo através da qual é permitido compreender todo um conjunto de significações, atitudes e comportamentos capazes de orientar um grupo social. A partir dela, entende-se que a realidade constitui um processo simbólico construído e apreendido a partir das relações e comunicação do grupo. E o estudo da memória nos dá suporte para compreender as representações sociais do álcool construídas pelas pessoas e grupos demonstrando o modo de pensar a agir com todo seu quadro de significações.

A seguir, veremos uma reflexão sobre o álcool e alcoolismo e sua relação com o meio rural.

### 3 ÁLCOOL E ALCOOLISMO: SUA RELAÇÃO COM O MEIO RURAL

O consumo de bebidas alcoólicas é uma prática comum em nível mundial. A influência de algumas culturas que estabelecem práticas e rituais, tais como consumir bebidas alcoólicas, principalmente, as destiladas, em cerimônias religiosas, comemorações de nascimentos, nos momentos fúnebres dentre outras situações, são tradições que se encontram fortemente arraigadas no contexto sociocultural de muitas comunidades, constituindo, portanto, um potente difusor do uso do álcool em nosso meio.

O álcool representa a droga mais consumida no Brasil. O perfil epidemiológico relacionado ao seu uso no país e no mundo permite conhecer o impacto social e à saúde que o consumo da bebida alcoólica provoca à sociedade. O I e II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas realizado pelo Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) em 2001 e 2005, respectivamente, permitem conhecer a situação do consumo de álcool no Brasil (CEBRID 2001 e 2005).

O I Levantamento, realizado em 2001, teve por objetivo estimar a prevalência do uso de álcool e outras drogas no país. Tratou-se de uma pesquisa domiciliar aplicada em 107 municípios brasileiros que possuíam uma população superior a 200.000 habitantes com a faixa etária compreendida entre 12 e 65 anos. Os resultados em relação ao uso de álcool no Brasil apontaram que 68,7% dos participantes já fizeram uso de álcool na vida, destes 77,3% eram homens e 60,6% mulheres. Quanto ao uso regular de bebidas alcoólicas,<sup>3</sup> 5,2% bebem regularmente, sendo 9,1% homens e 1,7% das mulheres. Nas faixas etárias de 12 a 17 anos, 0,2% dos homens e 0% das mulheres fazem uso regular de álcool; dos 18 aos 24, 5,6% dos homens e 1,4% das mulheres bebem regularmente; e dos 25 aos 34 anos, os homens passam a beber cinco vezes mais que as mulheres, totalizando 10,8% para os homens e 2% para as mulheres. Tal diferença se mantém na faixa etária de 35 a 65 anos, em que 13,3% dos homens e 2,2% das mulheres bebem regularmente. No que diz respeito à prevalência da dependência do álcool, 11,2% apresentam dependência do álcool, sendo 17,1% homens e 5,7% mulheres. A faixa etária de 18 a 24 anos é a que representa o maior número de dependência, sendo 23,7% dos

---

<sup>3</sup> Considera-se uso regular de bebidas alcoólicas o consumo mínimo de 3 a 4 vezes por semana, incluindo aqueles que bebem diariamente.

homens e 7,4% das mulheres considerados dependentes alcoólicos (CEBRID, 2001).

O II Levantamento Domiciliar sobre Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, realizado em 2005, teve por objetivo acompanhar a situação do consumo do álcool e outras drogas no país, bem como a prevalência do seu consumo na sociedade brasileira. A pesquisa apontou o número de dependente de bebidas alcoólicas, na faixa etária de 12 a 65 anos, de 12,3%, sendo 19,5% entre homens e 6,9% entre mulheres. Ao compararmos os dois Levantamentos, é possível observar um aumento da prevalência do consumo de álcool, contribuindo assim para a manutenção de muitos agravos à saúde, como também de problemas sociais e econômicos enfrentados no país. É importante salientar que os dados das duas pesquisas demonstraram que os homens apresentam uma maior prevalência de consumo de bebidas alcoólicas em relação às mulheres (CEBRID, 2005).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou em 2008-2009 uma Pesquisa por Orçamento Domiciliares-POF, a qual apresentava dados sobre o consumo de alimentos e outros produtos a partir dos gastos familiares. A pesquisa permitiu analisar a demanda do consumo de bebidas alcoólicas no Brasil. Nesta ficou evidenciado que quanto maior a renda familiar, maior a participação das bebidas nos gastos familiares mensais, sendo tal fato mais predominante na área urbana. Quanto ao tipo de bebida, o consumo de cerveja e vinho ocorre mais nas áreas urbanas entre indivíduos de maior escolaridade, enquanto que o consumo das bebidas destiladas predomina nas áreas rurais entre os indivíduos de menor escolaridade (POF-IBGE, 2008-2009).

Segundo dados divulgados recentemente no Relatório Global sobre Álcool e Saúde – 2014, no Brasil, o consumo total de bebida alcoólica entre indivíduos com idade de 15 anos ou mais estimada é de 8,7 L por pessoa, enquanto que a nível mundial a estimativa é em torno de 6,2 L de álcool puro em 2010 (Organização Mundial de Saúde – OMS, 2014). Logo, percebe-se que no Brasil o consumo é elevado em comparação à média mundial.

Apesar de o Brasil apresentar um consumo de álcool superior à média mundial, aproximadamente 42% da população não ingeriu bebida alcoólica em 2010 e dentre os que nunca beberam a maioria (30,8%) era mulheres (OMS, 2014).

Um fato preocupante e que merece destaque é que 25% do álcool puro produzido em todo o mundo é ilegal, logo, não tem fiscalização, nem controle de qualidade de produção. No Brasil, aproximadamente 17% do consumo *per capita* de álcool puro é de produção ilegal (OMS, 2014). A produção clandestina pode acarretar sérios danos à saúde, pois corre o risco de conter substâncias tóxicas, como metanol, que pode levar até a morte.

Dados comprovam que o padrão de consumo da bebida alcoólica, sua periodicidade e a quantidade utilizada estão intimamente relacionados a vários danos e riscos tais como acidentes e violência. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, cerca de 3,3 milhões de pessoas morrem a cada ano em consequência dos efeitos nocivos do álcool em todo o mundo. Assim, aproximadamente 6% de todos os óbitos em nível mundial estão direta ou indiretamente relacionados à ingestão de álcool (OMS, 2014).

No Brasil, das morbidades, mortalidades e incapacidades associadas ao consumo da bebida alcoólica, a cirrose hepática é a mais incidente, de 63 e 60% entre homens e mulheres em 2012. Os acidentes de trânsito correspondem a 18 e 5% (homens e mulheres) e os transtornos relacionados ao uso do álcool estima-se que 8 e 3% entre homens e mulheres têm uma predisposição para a dependência ou uso abusivo (OMS, 2014). Outro fato também relevante é que em todo o mundo a população na faixa etária entre 20-49 anos, mais jovens, é a que mais morre em decorrência do uso do álcool.

Acredita-se que o abuso de álcool pode gerar sérios danos à saúde. É muito comum relacionar o excessivo consumo de bebidas alcoólicas à condição de vida precária, desencadeando uma saúde frágil e uma mortalidade precoce. O empregado não consegue desempenhar suas funções com destreza quando está alcoolizado, gerando, assim, problemas de ordem trabalhista, psicossocial, econômica e de consumo de álcool. Portanto, o efeito negativo do consumo abusivo da bebida alcoólica se instala na vida dessa pessoa que já não tem mais a direção de sua vida.

A dependência do álcool tem um custo social, gera internações hospitalares, atendimento na rede básica de saúde, pode acionar outros dispositivos, tais como o sistema judiciário, previdenciário, desemprego, perda do papel de gestor familiar, perda de autoestima, baixo rendimento no trabalho, comprometimento na saúde

física, dentre outros. O problema relacionado ao uso do álcool passa a constituir uma prioridade, uma vez que implica comportamentos relacionados ao consumo do álcool, por exemplo, a dependência, que está presente no convívio social. Assim, o uso de bebida alcoólica pode, a depender do contexto, apresentar sérios riscos biológicos, psicológicos e sociais, constituindo, desse modo, um grave problema de saúde pública.

O país se desenvolveu economicamente na última década e junto a esse avanço cresceu o consumo do álcool, o que fez da indústria do álcool um mercado em expansão. De acordo com o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD, 2012), o consumo de bebidas alcoólicas pela população brasileira cresceu tanto entre homens quanto entre mulheres, assim como seus consequentes efeitos nocivos. Estima-se que 11,7 milhões de pessoas possam ser dependentes de álcool no Brasil (LENAD, 2012). A frequência de consumo da bebida alcoólica ingerida pela população, também, tem crescido significativamente. Em 2006, 42% da população adulta declararam beber pelo menos uma vez por semana; em 2012, 53% da população fizeram a mesma declaração. No que diz respeito às mulheres, o crescimento foi ainda mais significativo, passando de 27% em 2006 para 38% em 2012 (LENAD, 2012). As mulheres também representaram maiores índices de aumento do consumo em *binge*<sup>4</sup> entre 2006, 34%, e 2012, 48%.

Segundo o VI Levantamento do uso de drogas entre estudantes brasileiros<sup>5</sup> realizado pela CEBRID em 2010, com uma amostra de 50.890 crianças e jovens de 10 a 19 anos, o álcool foi considerado a substância mais consumida em comparação às outras. Das crianças e jovens entrevistadas, 60,5% admitiram ter feito uso na vida de álcool; 42,4% uso no ano; 21,1% uso no mês; 2,7% uso frequente e 1,6% uso pesado<sup>6</sup>. O primeiro consumo de bebida alcoólica foi calculado na idade média de 13 anos (CEBRID, 2010).

---

<sup>4</sup> Beber em *binge* também chamado de beber pesado é definido como o consumo de bebidas alcoólicas de 5 doses ou mais, no caso de homens, e 4 doses ou mais, no caso de mulheres, em uma mesma ocasião, em um intervalo de até 2 horas.

<sup>5</sup> Ensino Fundamental e Médio das redes públicas e privadas de ensino nas 27 capitais brasileiras, 1ª edição, SENAD, Brasília, DF, 2010.

<sup>6</sup> Uso na vida - quando a pessoa fez uso de qualquer droga psicotrópica pelo menos uma vez na vida. Uso no ano – quando a pessoa utilizou droga psicotrópica pelo menos uma vez nos doze meses que antecederam a pesquisa. Uso no mês – quando a pessoa utilizou droga psicotrópica pelo menos uma vez nos trinta dias que antecederam a pesquisa. Uso frequente – quando a pessoa utilizou a droga psicotrópica seis ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa. Uso pesado – quando a pessoa utilizou droga psicotrópica vinte ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa.

O jovem brasileiro tem experimentado a bebida alcoólica mais cedo. Em 2006, 13% dos jovens informaram ter experimentado bebida alcoólica antes de completar 15 anos. Em 2012, 22% declararam ter experimentado antes dos 15 anos. Em relação às mulheres, houve também um aumento considerável de 8%, em 2006, para 17%, em 2012 (LENAD, 2012).

Os dados apontados até aqui nos mostram que o consumo de bebida alcoólica constitui um desafio da saúde pública do país. O consumo se dá nos diversos segmentos da sociedade, mantendo uma relação direta com outros agravos sociais, como violência, acidentes de trânsito, crescimento da criminalidade (CASTANHA e ARAUJO, 2006, p.85). Conhecer esses dados faz-se importante na pesquisa para se ter uma dimensão da magnitude do problema em que o alcoolismo se insere. O consumo de bebidas alcoólica é uma prática comum no meio rural, além do seu valor histórico-cultural, é uma droga lícita de livre circulação e comercialização, o que leva a um aumento significativo do seu consumo. Este fato mostra a importância da investigação científica, tendo em vista que envolve fatores cognitivos, psicológicos, de representações sociais e da memória.

A realidade rural em relação ao consumo de bebidas alcoólicas não difere da história de vida de nossos antepassados e, segundo relatos sobre a história das civilizações, de acordo com Bertoni (2015, p.23):

[...] historiadores apontam que há registros arqueológicos revelando que os primeiros indícios de seu consumo pelo ser humano datam, aproximadamente, do ano 6000 a.C.; outros ainda afirmam que esta data se estende até 10000 a.C., dados estes que, do ponto de vista da Antropologia, revelam que o costume não é tão antigo assim, mas que tem persistido durante milhares de anos.

De acordo com MacRae (p.32, 2014), o uso de bebidas alcoólicas remonta à Pré-História e o seu emprego como medicamento já era mencionado em documentos do Oriente Médio, datados de 2200 a.C.

Mais precisamente no período neolítico<sup>7</sup>, quando houve o surgimento da agricultura e da cerâmica, a partir de um processo de fermentação natural, os indivíduos passaram a usar as frutas fermentadas, sendo atribuídas ao álcool

---

<sup>7</sup> Período Neolítico corresponde ao último período da Pré-História, também conhecido como Pedra Polida e de Nova Pedra com duração de aproximadamente 8 mil anos a. C., encerrando com a escrita. Teve como características relevantes o sedentarismo (com a produção do alimento feita pelo homem não havia preocupação de busca pela comida), a agricultura e organização social com a constituição da propriedade privada e do Estado (GEORGIA, 2012).

diferentes significações. “Um aspecto importante é que o domínio da técnica da cerâmica, datado do período neolítico, provavelmente tenha impulsionado o armazenamento, o consumo e o comércio do álcool obtido pela fermentação de frutos” (BERTONI, 2007 p.24).

As bebidas fermentadas já eram, no Oriente Médio, um elemento pela qual a população, que fazia parte da elite emergente, controlava a produção de bens, demonstrava *status* e estabelecia comércio com outros povos (BAU, 2002, p184).

Existem relatos, por exemplo, que em 2200 a. C. recomendava-se o consumo de cerveja como tônico a mulheres em estado de lactação. Em 2000 a. C., já é possível encontrar escritos que relatam os efeitos prejudiciais que o consumo excessivo do álcool traz à vida das pessoas (ESCOHOTADO, 2003, p.19 - 20).

São muitas as referências do consumo do vinho na Bíblia Sagrada. Em Gênesis capítulo 9, versículo 21, relata-se a embriaguez de Noé que após ter bebido vinho excessivamente, põe-se nu em sua tenda. Outra referência bíblica do consumo abusivo do álcool é a de Ló que após embriagar-se por duas noites consecutivas manteve relações sexuais com suas filhas, em Gênesis capítulo 19, versículo 33-35 (A BÍBLIA DA MULHER, 2002).

Os gregos usavam o vinho e a cerveja em festas, há relatos do consumo da combinação do extrato do haxixe com vinho e mirra como estimulante em festas privadas (ESCOHOTADO, 2003, p.25). Apesar desse uso rotineiro, os gregos estavam atentos à dependência e aos danos sociais e individuais trazidos pelo álcool e outras drogas. Cultuavam dentre vários deuses Dionísio, um deus planta, o qual traz o vinho como símbolo a suas celebrações que eram marcadas por manobras de suspensão da identidade pessoal e prática de orgias (ESCOHOTADO, 2003, p. 26).

Nos tempos mais remotos, ritos eucarísticos romanos exigiam longos períodos de jejum, além de outras práticas, seguem vários dias a pão e água e um vaso de vinho. Desse modo surgiram ritos que suscitavam embriaguez, festas barulhentas, com práticas de fornicção (ESCOHOTADO, 2003, p.37-38).

Apesar da prática de beber constituir um costume antigo, esta nem sempre representava um problema à civilização. Segundo Bertoni (2007, p. 28), os gregos sempre consideraram o consumo do vinho e da cerveja, em doses terapêuticas, bom

para a saúde, além de usar para fins cerimoniais e lúdicos junto com outras drogas, por exemplo, o ópio.

Os romanos antigos também eram adeptos ao álcool, havendo apenas restrição de consumo para as mulheres e menores de 30 anos. Escohotado (2003) relata fato de matarem mulheres devido ao fato de as mesmas terem sido pegas bebendo dentro da adega.

No século XII, os alquimistas descobrem o álcool que apesar de já ter sido criado no Egito, os árabes aprimoraram seu manejo no processo de destilação de algumas substâncias como perfumes e licores (ESCOHOTADO, 2003, p.61 - 62). O teor alcoólico empregado nos licores superava o do vinho, o que ocasionava uma embriaguez mais rápida e profunda, além de conferir uma grande variedade de sabores trazendo uma considerável margem de lucro. O álcool por ter mais estabilidade que o vinho expandiu-se rapidamente, sendo amplamente comercializado entre vários países (ESCOHOTADO, 2003, p.62).

Dados históricos do século X apontam as bebidas alcoólicas utilizadas para fins medicinais ao tempo em que a Igreja começa a perseguir os alquimistas e as bruxas, os quais são considerados contrários à vontade de Deus que realizam seus feitos com o auxílio do diabo. Assim declara MacRae (2013, p. 33)

[...] o emprego de drogas para fins terapêuticos tornara-se sinônimo de bruxaria ou heresia a ser punida, tanto por católicos como por protestantes, com torturas e morte. As acusações serviam, evidentemente, a fins políticos e econômicos. Ajudavam, também, a estigmatizar grupos, como o das mulheres, dos camponeses e dos pensadores que punham em questão os dogmas eclesiásticos.

É oportuno salientar que as mulheres, na posição de bruxas, sofreram maior perseguição apenas por apresentar conhecimentos de propriedades medicinais e aplicá-las. Acreditamos que tais conhecimentos tenham contribuído para a descoberta dos mais diversos medicamentos utilizados atualmente no nosso meio.

No final do século XVIII e início da Revolução Industrial, grandes mudanças demográficas e comportamentais ocorreram associadas a isso, houve uma maior difusão dos destilados e conseqüentemente maior consumo, levando a um considerável aumento do número de pessoas com problemas decorrentes do uso da bebida. As mudanças sociais e as conseqüências das guerras marcaram o século

XIX provocando sofrimento e alastrando o consumo abusivo do álcool e outras drogas.

Na tentativa de resolver os problemas gerados pelo consumo abusivo de álcool, no século XX, países como a França e os Estados Unidos começaram a se mobilizar criando leis e campanhas populares proibicionistas na tentativa controlar o seu consumo. A França estabeleceu a maioria de 18 anos para o consumo de bebida alcoólica e o estado Americano decretou em 1920 a Lei Seca, a qual proibia a fabricação, troca, venda, transporte, importação, exportação, distribuição, posse e consumo de bebida alcoólica. Segundo Bertoni (2007, p. 33)

[...] do que se tem notícias, a proibição da venda e/ou do consumo de álcool não teve grandes resultados. Pelo contrário, na vigência da “Lei Seca” (década de 1930) nos Estados Unidos, o comércio clandestino foi mais estimulado e, de acordo com alguns autores, nunca se consumiu tanto na história daquele país. Esta não fora apenas uma medida preventiva ou de saúde pública, havia outros interesses que circundavam o favorecimento da vigência desta lei, sobretudo o aumento de impostos e a grande influência dos movimentos protestantes no país.

Essa Lei Seca teve duração de 12 anos e não teve uma boa aprovação no que se refere às áreas da economia e saúde americana.

A cultura de uma população pode-se dizer que ocupa lugar de destaque na constituição histórico-estrutural dos hábitos e práticas socialmente aceitáveis por parte da comunidade. Entretanto, é oportuno salientar que a sociedade está intimamente relacionada aos seus costumes e valores, e não aos riscos e danos que o consumo do álcool possa gerar à sua vida.

Desse modo, são diversas as formas de representações sociais do álcool em uma sociedade. Assim, diferentes padrões culturais vão gerar diferentes formas de posicionamento diante do uso da bebida alcoólica.

Até aqui foi feito um breve relato da trajetória histórico-cultural do álcool, suas implicações no convívio social e na saúde, bem como o levantamento da situação de consumo da bebida alcoólica na população. Entretanto, é necessário conhecer alguns conceitos importantes para melhor distinguir os problemas decorrentes dos padrões de consumo de álcool.

A grande maioria das pessoas, quando bebem, procuram fazê-lo moderadamente, de modo que não traga problemas nem para si, nem para

sociedade. Porém, a cada dia beber pesado (*binge*) tem se constituído uma prática comum tanto entre homens quanto entre mulheres. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define como padrão de consumo aceitável de álcool até 15 doses/semana para os homens e 10 doses/semana para as mulheres, sendo que 1 dose equivale, aproximadamente, a 350 ml de cerveja ou 150 ml de vinho ou 40 ml de uma bebida destilada, sendo que cada uma destas contém 10 a 15 g de etanol.

Evidências epidemiológicas vêm demonstrando que a prática de beber pesado encontra-se intimamente relacionada a vários danos, tais como comportamento sexual de risco, saúde fragilizada, doenças cardiovasculares, gravidez indesejada, uso de drogas ilícitas, acidentes domésticos, violências, acidentes de trânsito, problemas psicossociais, dificuldade de socialização, dentre outros, além de estar relacionado ao aumento da mortalidade por doenças cardiovasculares e transtornos psiquiátricos.

Existem diversas formas de consumo de álcool capazes de causar danos ao indivíduo, pois o conceito de uso problemático de álcool não se aplica apenas aos dependentes ou aqueles que chegam aos serviços públicos com hálito alcoólico (JOMAR & ABREU, 2011, p. 492). Práticas como beber exageradamente e com uma maior frequência apresentam prejuízos físicos ou mentais em decorrência da bebida, fazendo com que esse consumo constitua padrões geradores de riscos nocivos para o indivíduo.

Para conceituar o alcoolismo, faz-se necessário recorrer a alguns fatores determinantes/condicionantes capazes de influenciar esse processo, por exemplo, o biológico no que diz respeito à vulnerabilidade genética, ao componente hereditário em que pesquisas demonstraram que filhos de pais biológicos alcoolistas e que eram criados por pais não alcoolistas desenvolviam alcoolismo com maior frequência que o esperado (PAULIN, 1994, p.6); psicológico como traços comportamentais comuns da personalidade, tais como regressão, exibicionismo, distúrbio da sexualidade, que podem ser encontrados associados ao consumo do álcool; fatores socioculturais, visto que as pessoas que convivem em um ambiente onde o consumo de álcool é comum e aceitável têm maior probabilidade de fazer uso da bebida; situação econômica instável, como desemprego, fome e dificuldade de sobrevivência, o uso do álcool serve para aliviar a angústia.

A primeira definição de alcoolismo, segundo Gigliotti & Bessa (2004, p.11-12)

[...] surgiu no século XIII, logo após a crescente produção e comercialização do álcool destilado, conseqüente à Revolução Industrial. Desse período, destacam-se dois autores: Benjamim Rush e Thomas Trotter. O primeiro, um psiquiatra americano, foi responsável pela célebre frase: “Beber inicia no ato de liberdade, caminha para o hábito e, finalmente, afunda na necessidade”. O segundo foi quem, pela primeira vez, referiu-se ao alcoolismo como “doença”. Outro autor de relevância foi o sueco Magnus Huss (1849), que introduziu o conceito de “alcoolismo crônico”, estado de intoxicação pelo álcool que se apresentava com sintomas físicos, psiquiátricos ou mistos.

Como se pode ver no início não se utilizavam critérios formais de diagnósticos ao se definir a dependência do álcool. Esses critérios foram criados mais tarde na segunda metade do século XX pelos Códigos Internacionais de Doenças (CID) e Manuais Diagnósticos Estatísticos (Associação Americana de Psiquiatria).

O conceito de alcoolismo representa um fenômeno bastante complexo, pois ao mesmo tempo em que tem uma caracterização enquanto doença em um contexto biológico traz um padrão moral e social que ao ser considerado em sua conceituação o torna um vício. Desse modo, o alcoolismo pode ser definido como “uma doença crônica, com aspectos comportamentais e socioeconômicos, caracterizada pelo consumo compulsivo de álcool, em que o usuário se torna progressivamente tolerante à intoxicação produzida pela droga e desenvolve sinais e sintomas de abstinência, quando a mesma é retirada” (VARELLA, 2011, p.1).

O IV Manual Diagnóstico Estatístico (DSM-IV) da Associação Americana de Psiquiatria define dependência do álcool como a repetição de problemas decorrentes do uso do álcool em, pelo menos, 3 das 7 áreas de funcionamento, ocorrendo conjuntamente em um período mínimo de 12 meses. Os elementos da dependência alcoólica são: estreitamento do repertório, saliência do comportamento de busca do álcool, aumento da tolerância ao álcool, sintomas repetidos de abstinência, alívio ou evitação dos sintomas de abstinência pelo aumento da ingestão da bebida, percepção subjetiva da vontade de beber e reinstalação após abstinência (GIGLIOTTI & BESSA, 2004, p.12).

Por muito tempo, o indivíduo que bebia muito e possuía sérios problemas com a ingestão de bebida alcoólica era definido como alcoólatra. Atualmente, este termo não é mais usado, pois representa um indivíduo que “idolatra” a bebida e que, por conta disso, resolve continuar ingerindo o álcool, mesmo conhecendo os prejuízos que ela pode trazer à sua vida. O nome alcoólatra transporta ao indivíduo o rótulo e

estigma depreciativo, como alguém incapaz, sem perspectivas, em que o álcool é prioridade na vida. Sendo que tal condição não retrata o real estado da pessoa que, ao ser dependente, bebe muitas vezes para conter os efeitos da abstinência (SOUZA, 2012, p.26).

Em substituição ao termo alcoólatra, surge o termo alcoolista através do qual o indivíduo se torna menos estigmatizado, indicando que ele tem afinidade com o álcool, está exposto a muitos riscos toda vez que consome em quantidade excessiva e frequentemente, mas não pode se responsabilizar sozinho, pois faz uso de uma substância lícita que é socialmente aceita e livre.

Entender o alcoolismo não é uma tarefa fácil. Os diversos fatores capazes de levar o indivíduo ao consumo excessivo e dependência do álcool envolvem aspectos orgânicos, sociais, psicológicos, econômicos, que requerem melhor compreensão dessa problemática para o desenvolvimento de projetos terapêuticos e de enfrentamento desse distúrbio que tem perturbado a vida das pessoas que vivenciam esse problema.

Como foi possível ver, consumir bebida alcoólica é um hábito que faz parte do contexto cultural de muitas pessoas. Quando nos reportamos ao aspecto cultural, gostaríamos de enfatizar que a cultura de um povo envolve questões como hábitos, costumes, normas, valores, conhecimentos, entre outros que regulam tudo que foi aprendido a partir da convivência em sociedade. Quando esse conhecimento passa a ser compartilhado entre os demais membros do grupo passa a configurar a realidade social desses indivíduos.

A cultura de um povo não é estática, está em constante mudança, é dinâmica e tem sua própria história e estrutura. Ela interage com outras culturas, pois nas sociedades há trocas culturais e influências mútuas. Assim, Silva e Silva (2006, p.1) definem cultura:

[...] cultura abrange todas as realizações e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimento e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica.

O consumo de bebidas alcoólicas é uma prática comum e bastante difundida nas comunidades rurais. Configura-se parte integrante da cultura popular<sup>8</sup>, constituindo um amplo quadro de significações que envolvem crenças, valores e tradições que são transmitidos através dos tempos. O saber local<sup>9</sup> é materializado, compartilhado e transmitido ao grupo, constituindo, assim, uma representação.

Para Girardi (2008, p.05), o “rural se transforma, seja pela melhoria da qualidade de vida de sua população, seja pela imposição de ritmos produtivos para atender à demanda crescente da população cada vez mais urbanizada”. Descrever as representações sociais do homem e mulher rurais sobre os usos do álcool implica primeiramente em caracterizar este espaço. Nessa perspectiva, em janeiro de 2016, tornou-se necessário o reconhecimento desse espaço, local do desenvolvimento da pesquisa, sendo então realizada a prática de territorialização<sup>10</sup> e utilizado o diário de campo para o registro das informações sobre a área. Desse modo, buscou-se conhecer os valores e simbologias estabelecidos através dos tempos.

A pesquisa foi realizada em um povoado situado na zona rural de um município da mesorregião de Vitória da Conquista no Centro-Sul da Bahia<sup>11</sup>. Após vivência comunitária e de “meio de estrada”<sup>12</sup>, conversas ao “pé da porta”<sup>13</sup>, diálogos informais com o Agente Comunitário de Saúde, moradores e alguns pacientes no consultório de enfermagem, observação e análise de dados e registros oficiais sobre a localidade (Fichas do Sistema de Informação da Atenção Básica -SIAB) foi possível conhecer a realidade local, sua história, constituição e estruturação de seu espaço. Cabe salientar que esse processo de observação e investigação teve início no segundo semestre de 2015.

---

<sup>8</sup> Em âmbito internacional, a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, documento gerado na 25ª Conferência Geral da Unesco em 1989, define a cultura tradicional e popular como “o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressões de sua identidade cultural e social: as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras” (COSTA,2014, p.1).

<sup>9</sup> Para Albagli (2004, p.23), o termo saber local refere-se ao conhecimento que “reside e desenvolve-se em crenças, valores e práticas comunitárias; provém do aprender fazendo, usando e interagindo. Esse conhecimento tácito encontra-se associado a contextos geográficos específicos; ele deriva da experimentação, sendo transmitido e desenvolvido por meio de interações locais”.

<sup>10</sup> Territorialização – Constitui uma ferramenta metodológica que possibilita o reconhecimento das condições de vida e da situação de saúde da população de uma área de abrangência (FONSECA e CORBO, 2007, p.1).

<sup>11</sup> A apresentação mais detalhada da pesquisa de campo está no próximo capítulo.

<sup>12</sup> O termo meio de estrada se refere ao tipo de convivência casual, sem vínculos e compromissos, nas ruas e estradas.

<sup>13</sup> A conversa ao pé da porta são conversas informais, do lado de fora da casa da pessoa, na frente da porta da casa, sem entrar.

A bebida alcoólica, na comunidade rural, é utilizada para diferentes finalidades, seguindo uma tradição cultural que a destina para uso em situações e objetivos mais diversos. As formas de consumo dependem dos hábitos e costumes locais, das relações de poder entre os gêneros feminino e masculino, na memória coletiva e na história da comunidade. A memória é um fenômeno presente nesse processo de representação do grupo, pois atualiza e dá significação ao passado, mantendo-o sempre ativo.

A comunidade rural (local do desenvolvimento da pesquisa) dispõe de alguns valores culturais que se mantêm arraigados e atribuem uma significação que é transmitida através das gerações. No que diz respeito à bebida alcoólica, o seu uso é muito comum nos eventos religiosos, como por exemplo, nas comemorações dos dias de santos, como Santo Antônio (13 de junho), São João (24 de junho) e São Pedro (29 de junho), que são repletos de muita comida e bebida (licores, vinhos e quentões)<sup>14</sup>.

Nos treze dias que antecedem o dia de Santo Antônio é costume as famílias se reunirem em pequenos grupos nas casas para rezarem e após a reza é comum oferecer comida e bebidas como cerveja, vinho e bebidas destiladas como cachaça.

No período que se aproxima do São João existe uma prática comum nesta comunidade de montarem fogueiras na porta de suas casas, compram fogos e artifícios para serem queimados no dia Santo. As mulheres preparam biscoitos feitos à base de goma e farinha de trigo, fazem bolos de milho, aipim, puba, canjica (mingau feito com milho verde), cozinham milho verde, amendoim, fazem pamonha, assam carne de porco, carne de carneiro e frango enfim um verdadeiro banquete. Costumam fazer diversos licores como licor de jenipapo, de jabuticaba, de maracujá entre outros e quentões e vinhos artesanais como o tradicional vinho de passas. Normalmente essa festa tem muita dança e diversão para comunidade.

No dia 29 de junho, é comemorado o dia de São Pedro. Neste dia, as viúvas põem fogueiras na porta de suas casas que serão queimadas à noite. Também fazem os mesmos tipos de comidas típicas oferecidas no dia de São João e servem licores, quentões e vinhos.

---

<sup>14</sup> Bebida feita à base de cachaça, gengibre, canela, açúcar e abacaxi, servida quente.

Nos jogos de futebol, que ocorrem todos os domingos pela manhã, ao final do jogo, todos os jogadores vão ao bar para beber cerveja, cachaça e cortezano (bebida com sabor de ervas aromáticas), bebidas mais vendidas naquela localidade.

Nas festas de Reis<sup>15</sup>, que ocorrem no dia 06 de janeiro, o consumo de bebida alcoólica também é grande. O “reiseiro” sai com o grupo nas ruas para cantar o Reis, entra nas casas declama a palavra (cantiga do Reis) recebe uma oferta do dono da casa a qual sempre vem acompanhada de comida e bebida alcoólica e sai para cantar o Reis em outra casa. E desse jeito vai passando em várias casas comendo e bebendo muito. Segundo alguns moradores, ao término das comemorações, é comum ver pessoas alcoolizadas pelas ruas. São as formas mais comumente difundidas e socialmente aceitáveis, sendo a bebida alcoólica utilizada como fonte de lazer e divertimento. Uma tradição que perpetua, marcando a significação desses eventos na vida dessa comunidade.

Segundo o Sr. Lafinha, dono de um terreiro de candomblé<sup>16</sup> da comunidade pesquisada, a cachaça é a bebida utilizada na consagração do Exu<sup>17</sup>. O Sr. Mota, sanfoneiro e morador dessa comunidade, afirma que a cachaça ao ser tomada antes de se iniciar uma apresentação tem a propriedade de afinar as cordas vocais permitindo uma cantoria de qualidade. A Sra. Lourdes, rezadeira e também moradora da comunidade pesquisada, tem o hábito de molhar as pontas dos dedos com a cachaça e passar na testa em cruz, na nuca, nos pulsos e tornozelos como uma forma de conferir proteção ao corpo. A cachaça assume um papel revitalizador e protetor.

Segundo informação da Sra. Jissélia, moradora da comunidade pesquisada, outro costume também conhecido é o preparo da garrafa de cachaça com ervas

---

<sup>15</sup> Segundo informação do Sr. Manoel, coordenador do reisado e morador da localidade onde foi desenvolvida a pesquisa, as festas de Reis consistem em uma comemoração com muito som e cores para anunciar o nascimento de Jesus. Um espetáculo de dança e teatro nas ruas que costuma parar de casa em casa, pedir permissão e fazer uma apresentação particular para aquela família, o agradecimento é em forma de comida, dinheiro ou bebida. Acredita-se que manter viva a tradição traz sorte para o ano todo.

<sup>16</sup> O candomblé é uma religião de origem africana trazida pelos negros para o Brasil na época da escravidão. Os escravos cultuavam seus Orixás, que para o candomblé são deuses supremos. Os rituais do candomblé são realizados em templos chamados terreiros ou casas, sendo liderados só por mulheres (linhagem matriarcal), só por homens (linhagem patriarcal) ou por homens e mulheres (linhagem mista). A celebração do ritual é feita pelo pai ou a mãe de santo que inicia o despacho do Exu (CABRAL, 2016).

<sup>17</sup> O Exu é um Orixá que liga os humanos ao mundo dos Orixás. Confere proteção ao terreiro e seus filhos. Abençoa e traz prosperidade, fartura, fertilidade, boa sorte nos negócios, proteção astral. Se bem tratado retribui as oferendas em dobro, mas quando é esquecido se torna pior que um inimigo, fecha os caminhos e traz má sorte a aquele que o esqueceu.

naturais. Assim, adiciona-se o cipó mil homem<sup>18</sup> à cachaça para ter o efeito afrodisíaco e para fechar o corpo, protegendo de fluidos ruins. Colocar carqueja na cachaça, na jurubeba ou no vinho é bom para o fígado, semente de sucupira na cachaça é bom para o estômago, tomar cachaça em jejum funciona como vermífugo (mata verme). Enfim, a cachaça é utilizada para uma infinidade de propósitos.

Outra forma de consumo da bebida alcoólica está atrelada a valores e tradições impostas pelo grupo familiar. Práticas culturais transmitidas através de gerações que envolvem celebrações e cortejos para anunciação do nascimento e morte. É tradição, por exemplo, no povoado, o preparo de uma cachaça com folhas e raízes denominada temperada<sup>19</sup> quando a mulher engravida. Essa bebida fica em infusão e é oferecida aos visitantes após o parto dessa mulher como forma de comemoração do nascimento. Essa prática não é exclusiva dessa localidade rural. Ela é muito comum no sertão sergipano como se pode constatar no artigo de Menezes (2013, p.24):

Ainda como parte da tradição no ritual do pós-parto, era oferecida aos visitantes, antes de servir o almoço, a meladinha – uma infusão de mel de abelha com cachaça, maturada durante vários meses. Em algumas áreas, adotavam a prática do uso de folhas dentro da infusão, como a erva-cidreira, o capim-santo, juntamente com cravo, canela e pimenta-do-reino. Outros sertanejos utilizavam as folhas da arruda no preparo que, segundo as suas crenças, tinha a finalidade de retirar os “olhos ruins” da casa e da criança recém-nascida.

O nascimento de uma criança é motivo de muita alegria nas comunidades rurais, as famílias criam frangos durante toda a gestação para que quando a criança nascer possam se reunir e fazer o tradicional pirão de parida<sup>20</sup>. Costume antigo que se perpetua há muitos anos, passado de mãe para filha, o pirão normalmente é servido aos domingos acompanhado da temperada como forma de confraternização.

---

<sup>18</sup> O Cipó Mil Homem é uma planta com grandes poderes medicinais. Recebeu esse nome pelo sanitarista Carlos Chagas que utilizou esse cipó no tratamento de vários operários contaminados com um tipo de malária. Está indicado para febre, asma, problema gástrico, gota, flatulência, diarreia, convulsão, cólica, verme, depressão etc. Não há relatos de seu poder afrodisíaco. Essa fama pegou talvez pela nomenclatura e pelo seu sabor amargo (GEORGIA, 2016).

<sup>19</sup> Bebida feita a partir da mistura da cachaça pura com algumas especiarias, tais como cebola, alho, alecrim, losna, arruda, hortelã, alfavema, noz moscada, entre outros. Normalmente é servido na celebração do nascimento de um filho. Em algumas culturas africanas é utilizado como bebida de algum Orixá.

<sup>20</sup> Comida apropriada para mulher pós-parto feita a partir do cozimento da galinha caipira e do pirão do próprio caldo. Acredita-se que dará mais força à mulher, ajudando-a na produção do leite.

O preparo do pirão de parida e da temperada é um costume que já está sedimentado na memória da comunidade rural sendo compartilhado coletivamente.

A morte, apesar de ser um evento doloroso para a família, exige o compromisso de realizar uma celebração com muita comida e bebida alcoólica (cachaça). Tal tradição é comumente conhecida como “beber o morto”<sup>21</sup>. A tradição de beber o morto é muito antiga, ocorre no momento do velório, no qual os conhecidos do falecido se reúnem para honrar o morto e executar os preparativos do sepultamento. No espaço rural são comuns sepultamentos longos sendo, portanto, oferecidos café, comida e bebidas alcoólicas. Muitas vezes, sob o efeito do álcool e das lembranças dos vivos, os velórios acabam se tornando festivos. Quando alguém morre, se for alguém que tem um poder aquisitivo maior, é feito um verdadeiro banquete com carne, frango e muita bebida alcoólica, caso contrário é servida somente a cachaça. O consumo de bebidas alcoólicas nas celebrações é uma constante e faz parte da história dessa comunidade. Conforme relatos do Agente de Saúde Rivelino, algumas pessoas deixam de visitar as famílias se não tiver bebida alcoólica para oferecer. A falta da bebida alcoólica pode ser caracterizada como ato desrespeitoso à figura do morto.

A cultura local guarda tradições que estão fortemente arraigadas no cotidiano da comunidade rural. Apesar da influência cultural urbana nas gerações mais jovens, os valores e padrões culturais rurais ainda predominam nessa comunidade.

Ampliando o leque de utilidades da bebida alcoólica na comunidade rural, podemos ainda citar o uso para fins terapêuticos. Segundo informação da Sra. Rosana, é muito comum o uso da cachaça embebida em algodão e colocada no dente para alívio da dor, para “queimar o dente”, o uso da cerveja preta pelas lactantes para aumentar a produção do leite materno, umedecer a chupeta do bebê em vinho ou licores para acalmá-lo quando está chorando e ajudar a dormir; para o Sr. Marcos, o uso de conhaque com café e limão pela manhã em jejum pode ser utilizado para tratar infecção de garganta, enfim, uma infinidade de formas de aplicação da bebida para tratar as mais variadas enfermidades. Convém ressaltar que todas essas práticas são transmitidas de boca em boca, compartilhadas e reproduzidas, aceitas socialmente.

---

<sup>21</sup> O termo “Beber o Morto” se refere ao costume africano que teve início nos antigos rituais de morte de diversos países do continente. Constitui o ato de tomar bebida alcoólica, geralmente cachaça, em homenagem ao falecido (DANTAS, 2013).

Como é possível constatar, a bebida alcoólica é utilizada no meio rural para diversos fins. Segue uma tradição cultural e um marco histórico que se perpetua através das gerações. O consumo da bebida é uma prática preservada na memória coletiva do grupo e através das representações sociais é institucionalizada e transmitida por intermédio das relações de seus membros.

Portanto, percebe-se que a ingestão da bebida alcoólica é uma prática comum naquela comunidade. Segundo dados da Ficha A (SIAB), 11% da população de estudo informam ser alcoolistas<sup>22</sup>, destes (11%) que referem esta condição, 14% são homens e 8% são mulheres. Como se pode ver, o alcoolismo representa um problema relevante que merece intervenção ao considerar os danos, não apenas à saúde mas também sociais, que o uso abusivo de álcool pode causar a esta população.

O consumo da bebida alcoólica é uma prática ligada às experiências tanto do indivíduo quanto ao grupo ao qual ele pertence. A memória coletiva é a base para a apreensão dessas experiências, assegurando, de certo modo, sua repetição.

A comunidade rural possui identidade própria, construída a partir de experiências humanas histórico-culturais que se mantêm vivas e são reconstruídas através das representações que vão servir de ponte entre a memória e as diversas formas de reproduzir os saberes conforme os diferentes modos de vida.

---

<sup>22</sup> O termo “alcoolista” é utilizado como uma alternativa menos estigmatizante, visto que o termo coloca o indivíduo como alguém que tem “afinidade” pelo álcool e não é “seduzido” por ele. Este termo foi utilizado em substituição ao termo “alcoólatra” a fim de não responsabilizar unicamente o bebedor pelos problemas decorrentes do uso do álcool, mas, sim, reconhecer que o álcool é uma substância lícita, socialmente aceita e disponível, mas quando utilizada em grandes quantidades e frequência expõe o bebedor a muitos riscos (CARDOSO, 2012).

#### 4 CAMINHOS DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois visa à utilização de um referencial de coleta e de interpretação de dados de modo a compreender o que pode ser documentado estatisticamente mediante evidências concretas complementadas pela maneira como determinado costume é observado, conhecendo a realidade dos homens e mulheres rurais, suas características, seus valores, seu mundo de significações (MINAYO, 1993).

Desse modo, a pesquisa qualitativa busca conhecer as ações, vivências, valores culturais, visão de mundo dos sujeitos da pesquisa. Assim, Minayo (1993, p.10) afirma que as pesquisas qualitativas são:

[...] aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e as estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Nesta pesquisa foi utilizada como instrumento de análise a técnica de análise de conteúdo e como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Optou-se por esse tipo de entrevista devido a sua flexibilidade e por entender que esse instrumento permite uma melhor compreensão dos fenômenos sociais sem, contudo, interferir na realidade dos participantes, tendo em vista que o trabalho foi desenvolvido considerando crenças, valores e significações, enquadrando-se à pesquisa qualitativa.

Para Maciel e Melo (2011, p.178), a entrevista “[...] permite ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um dos sujeitos percebe e confere significado à sua realidade”. Esse instrumento permite levantar informações que possibilitam a compreensão das relações estabelecidas no grupo social.

É importante salientar que os depoimentos colhidos na entrevista encontram-se carregados de subjetividade que envolve a percepção do sujeito em seu meio social cumprindo o desafio de extrair do subjetivo a dimensão coletiva, ou seja, em outras palavras, conforme Maciel e Melo (2011, p.178) “[...] compreender a lógica das relações que se estabelecem no interior dos grupos sociais dos quais o entrevistado participa ou já participou, em um determinado tempo e lugar”.

A análise dos dados foi ancorada nos pressupostos de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1979, p. 42) que a define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Assim, a análise de conteúdo utiliza várias técnicas que se complementam para sistematizar e explicar o conteúdo. A análise de conteúdo busca compreender o pensamento do sujeito a partir do conteúdo dos depoimentos. Segundo Maciel e Melo (2011, p.180),

a técnica da Análise de Conteúdo foi desenvolvida a partir da necessidade de se ir além da aparência superficial e conferir rigor à análise dos dados qualitativos. Seu uso foi indicado há mais de 200 anos, mas foi na primeira metade do século XX, nos Estados Unidos, que se intensificou.

A técnica de Análise de Conteúdo permite compreender o significado da comunicação, trabalhando com variáveis inferidas, com o sentido do texto, busca compreender o pensamento do sujeito a partir do conteúdo do texto.

A seguir trataremos da descrição do Cenário da Pesquisa.

#### 4.1 CENÁRIO DA PESQUISA

O cenário da pesquisa foi um o povoado situado na zona rural de um município da mesorregião de Vitória da Conquista no Centro-Sul da Bahia, localizado a aproximadamente 35 km da sede do município, tem uma população de 369 habitantes, sendo 194 homens e 175 mulheres (SIAB, 2015).

Quanto à infraestrutura, dispõe de 01 Escola de Ensino Fundamental (1ª a 4ª série<sup>23</sup>) que funciona apenas no turno matutino em uma sala multisseriada, 01 Igreja Evangélica, 06 bares (que também vendem gêneros alimentícios), 01 bar (que só vende bebidas), 01 campo de futebol, 01 casa de farinha e 01 associação de moradores (CESF, 2015).

---

<sup>23</sup> Embora os dados indiquem que a escola é de 1ª a 4ª série, pela legislação educacional atual trata-se do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (BRASIL, 1996).

Sua economia gira em torno da lavoura de mandioca, café, urucum e banana. Muitos moradores trabalham no município. O meio de transporte coletivo está disponível 04 vezes por semana, nos dias de segunda, quarta, sexta e sábado.

Quanto à cultura popular, o povoado mantém algumas tradições, como festas de Reis, comemoração do dia de Santos, como Santo Antônio, São João e São Pedro, cultuando suas crenças, celebrações do nascimento com o oferecimento da “temperada” e cortejo ao morto com o ato de “beber o morto”<sup>24</sup>.

Referente à situação sanitária domiciliar será demonstrada na Tabela 1.

TABELA 1 – Situação Sanitária da Comunidade da pesquisa em 2015

Instalações Sanitárias	Quantidade	%
<b><u>Tipo de Casa</u></b>		
Tijolo/adobe	95	96,94
Taipa Revestida	02	2,04
Taipa Não Revestida	01	1,02
<b><u>Abastecimento de Água</u></b>		
Rede Pública	02	2,04
Poço ou Nascente	16	16,33
Outros	80	81,63
<b><u>Tratamento de Água nos Domicílios</u></b>		
Filtração	26	26,53
Sem Tratamento	72	73,47
<b><u>Destino do Lixo</u></b>		
Coletado	02	2,04
Enterrado/Queimado	68	69,39
Céu Aberto	28	28,57
<b><u>Destino das Fezes e Urina</u></b>		
Fossa	35	35,71
Céu Aberto	63	64,29
<b><u>Energia Elétrica</u></b>	96	97,96
<b><u>Pessoas Alfabetizadas</u></b>	219	78,78
<b><u>Famílias no Programa Bolsa Família</u></b> <sup>25</sup>	51	52,04

Fonte: SMS/SIAB, 2015

Esta tabela demonstra que as condições de moradia são precárias. A maioria das casas não dispõe de sistema de água encanada, o que corresponde a 81,83% da população daquela localidade ao tempo em que o tratamento da água em casa também não é uma prática comum, sendo que 73,47% da população não tem o

<sup>24</sup> Sobre a “temperada” e o “beber o morto”, explicaremos mais adiante.

<sup>25</sup> É um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país, de modo que consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza.

hábito de consumir água tratada em seu domicílio. A falta de abastecimento de água tratada pela rede pública e o hábito de consumo de água sem tratamento podem gerar muitos problemas de saúde a esta população.

Além desses problemas, é possível detectar outras falhas no saneamento básico dessa localidade, 64,29% da população despreza seus dejetos a céu aberto, o que demonstra a necessidade de intervenção pública no saneamento dessa localidade.

Um fator que merece destaque é a condição socioeconômica dessa população. Como se pode ver na Tabela 1 mais da metade da população é beneficiária do programa Bolsa Família, o que corresponde a 52,04% das famílias. São pessoas que na sua maioria vivem de diária na roça, na coleta do café, não têm uma renda fixa e dependem desse benefício para sobreviver. Em relação à população da pesquisa, está assim classificada por sexo:

TABELA 2 – Distribuição da população da comunidade pesquisada por sexo (2015)

<b>Sexo</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Masculino	194	53
Feminino	175	47

Fonte: SMS/SIAB, 2015

Observa-se nessa tabela uma maior proporção da população masculina (53%) em relação à feminina (47%). Talvez isso justifique o fato de na pesquisa ter sido entrevistado um número maior de homens em relação às mulheres. A seguir, veremos na Tabela 3 a distribuição da população do povoado por faixa etária.

TABELA 3 – Distribuição da população da comunidade pesquisada por faixa etária (2015)

<b>Intervalo Populacional</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Criança < 1 ano		
1 a 4 anos	12	3
5 a 6 anos	14	4
7 a 9 anos	21	6
10 a 14 anos	44	12
15 a 19 anos	54	15
20 a 39 anos	127	34
40 a 49 anos	34	9
50 a 59 anos	35	9
60 anos e mais	28	8
<b>TOTAL</b>	<b>369</b>	<b>100</b>

Fonte: SMS/SIAB, 2015

A Tabela 3 demonstra que a população da área pesquisada é predominantemente adulta, em idade produtiva, sendo a maioria na faixa etária de 20 a 59 anos. Observa-se um aumento de adultos em relação ao percentual de jovens. Esse fato se dá talvez pela diminuição da taxa de natalidade, entretanto o percentual de idosos em relação aos jovens é diminuído, o que pode configurar uma maior mortalidade e conseqüente diminuição da expectativa de vida.

Como forma de apresentar melhor nossa população de estudo, faremos a caracterização dos informantes a seguir.

TABELA 4 - Número de homens e mulheres rurais relacionado ao gênero segundo faixa etária

Idade	Masculino	%	Feminino	%
25 – 30	02	18,20%	03	33,5%
31 – 35	01	9,10%	01	11%
36 – 40	03	27,25%	-	-
41 – 45	03	27,25%	-	-
46 – 50	-	-	-	-
51 – 55	-	-	03	33,5%
56 – 60	-	-	01	11%
61 – 65	01	09,10%	01	11%
66 – 70	-	-	-	-
71 - 75	01	09,10%	-	-
TOTAL	11	100%	09	100%

Fonte: Elaboração própria, 2016.

A tabela acima demonstra que a idade prevalente entre os homens entrevistados está entre 36-40 anos e 41-45 anos, o que corresponde a 27,25%, ambos. Como se pode ver a maior prevalência se dá em uma idade em que o homem se encontra em plena atividade produtiva. Enquanto entre as mulheres prevaleceu a faixa etária de 25-30 anos, que compreende a 33,5% e 51-55 anos, correspondendo a 33,5% do total das mulheres entrevistadas. Em relação às mulheres também ocorre na fase produtiva da vida, estendendo-se a uma idade um pouco mais avançada, sendo que muitas dessas mulheres são donas de casa e consomem bebida alcoólica diariamente em seu próprio domicílio, segundo informação obtida nas entrevistas. É oportuno salientar que a proposta inicial foi entrevistar 10 homens e 10 mulheres, porém tal tentativa não foi possível devido à grande resistência por parte dos entrevistados que tiveram receio de se expor diante

da entrevistadora e sua condição fosse tornada pública diante dos demais moradores da localidade.

TABELA 5 - Percentual de homens e mulheres rurais relacionado ao gênero segundo a escolaridade

Escolaridade	Masculino		Feminino	
	Nº	%	Nº	%
Analfabeto	05	45,5%	04	44%
Alfabetizado	01	9%	-	-
Ensino Fundamental Incompleto	05	45,5%	05	56%
	11	100%	09	100%

Fonte: Elaboração própria, 2016.

Esta tabela ilustra o perfil da escolaridade de homens e mulheres rurais. Observa-se que entre os homens há uma prevalência do analfabetismo e do ensino fundamental incompleto, o que equivale a 45,5% dos entrevistados, ambos. Quanto às mulheres, o ensino fundamental incompleto prevalece, perfazendo 56% das entrevistadas, enquanto o analfabetismo corresponde a 44% das entrevistadas. Se compararmos a realidade do Brasil onde a taxa de analfabetismo atinge 8,6% em 2011 (IBGE), pode-se constatar que tanto os homens quanto as mulheres apresentaram uma alta prevalência de não alfabetizados, uma taxa superior aos dados nacionais (45,5% e 44%, respectivamente). Constata-se também uma elevada taxa de ensino fundamental incompleto para ambos os gêneros, o que pode retratar uma fragilidade do sistema educacional que não vem conseguindo garantir a evolução do nível educacional destinado à população rural que, apesar de estar evoluindo com a vida moderna, ainda não tem recebido uma educação que se adapte à sua realidade social.

TABELA 6 - Percentual de homens e mulheres rurais relacionado à ocupação segundo gênero

Ocupação	Masculino		Feminino	
	Nº	%	Nº	%
Lavrador	06	55%	03	33,3%
Comerciante	01	9%	-	-
Desempregado	03	27%	-	-
Aposentado	01	9%	02	22,2%
Do Lar	-	-	04	44,5%
TOTAL	11	100%	09	100%

Fonte: Elaboração própria, 2016

Esta tabela demonstra que o maior percentual dos homens rurais é de lavradores (55%), enquanto que as mulheres se dedicam em sua maioria às atividades domésticas (44,5%). Gostaríamos de salientar que, além dos homens e mulheres que informaram ser lavradores, fazem parte deste grupo trabalhadores informais, diaristas, trabalhadores rurais assalariados e trabalhadores que desenvolvem cultivo em terras próprias. Nessa tabela, pode-se constatar também uma alta taxa de desemprego entre os homens, 27%, valor acima da média nacional que foi de 11,2% no primeiro trimestre de 2016 de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua, do IBGE. O trabalho na lavoura não é a única ocupação do trabalhador rural, muitos procuram os centros das cidades circunvizinhas em busca de atividade para garantir outras formas de complementação da renda familiar. Mas, apesar desse esforço, o desemprego no espaço rural ainda se mantém alto talvez devido ao aumento do número de pessoas economicamente ativas que se encontram no mercado de trabalho sem uma ocupação de um trabalho formal.

TABELA 7 - Percentual de homens e mulheres rurais relacionado à renda familiar segundo gênero

Renda Familiar	Masculino		Feminino	
	Nº	%	Nº	%
Sem Renda	03	27,2%	01	11,1%
R\$ 100,00 – R\$ 400,00	04	36,4%	04	44,5%
R\$ 401,00 – R\$ 800,00	02	18,2%	01	11,1%
R\$ 800,00 – R\$ 1.000,00	02	18,2%	03	33,3%
TOTAL	11	100%	09	100%

Fonte: Elaboração própria, 2016

Esta tabela retrata uma tendência da renda familiar de R\$ 100,00 – R\$ 400,00, tanto entre os homens rurais, 36,4%, quanto entre as mulheres rurais, 44,5%. Os dados revelam uma renda inferior à média do brasileiro em 2015 que foi de R\$ 1.113,00 (IBGE). Mesmo no estado da Bahia, onde a renda foi de R\$ 736,00, ainda assim a renda referida apresenta-se relativamente baixa, muito abaixo da inflação do país. Cabe salientar que a renda informada é a familiar, não a per capita<sup>26</sup>, e a renda média brasileira e baiana citadas se referem à renda per capita,

<sup>26</sup> A renda per capita soma o rendimento de todos os moradores de uma casa (salário e outros rendimentos), e divide o total pelo número de pessoas que moram no lugar.

logo a situação retrata uma situação econômico-financeira dos informantes inferior à média nacional e estadual.

TABELA 8 - Distribuição dos homens e mulheres rurais segundo religião relacionada ao gênero

Gênero	Religião			
	Católico		Católico, mas frequenta igreja Evangélica	
	Nº	%	Nº	%
Masculino	11	100%	-	-
Feminino	08	89%	01	11%

Fonte: Elaboração própria, 2016

Essa tabela demonstra que a maioria informa ser da religião católica, apesar de não frequentarem a igreja, conforme relato no diário de campo.

TABELA 9 - Distribuição dos homens e mulheres rurais segundo situação conjugal relacionada ao gênero

Gênero	Situação Conjugal					
	Solteiro		Estável		Casado	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Masculino	05	45,4%	04	36,4%	02	18,2%
Feminino	02	22,2%	03	33,3%	04	44,5%

Fonte: Elaboração própria, 2016

Na tabela acima se observa que um número elevado de homens é de solteiros, 45,4% em relação às mulheres, e que a maioria é casada, 44,5%. Isso reflete que, nesta localidade, as mulheres iniciam a vida conjugal mais cedo, além de ter um número menor de mulheres na comunidade. Os homens já iniciam mais tarde um relacionamento mais sério, muitos não querem formar uma família, nem sair da casa de seus pais, fato relatado nas entrevistas.

A seguir, descreveremos a trajetória metodológica para o desenvolvimento da pesquisa.

## 4.2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Esta pesquisa seguiu a perspectiva metodológica qualitativa utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, a qual parte foi gravada e posteriormente todas transcritas para análise. No momento da entrevista alguns entrevistados não permitiram a gravação dos depoimentos, sendo estes transcritos na proporção em que eram realizados. Também foi aplicado o Teste para Identificação de Problemas Relacionados ao Uso do Álcool (*Alcohol Use Disorder Identification Test – AUDIT*: “instrumento de rastreamento do uso problemático de álcool desenvolvido pela OMS”. (PILLON e WEBSTER, 2006, p. 326).

Esse teste é composto por 10 questões e as respostas são pontuadas de 1 a 4, sendo a maior pontuação indicativo de uso problemático do álcool. Classifica-se o usuário em uma de quatro zonas de risco de acordo com o escore obtido: Zona I – até 7 pontos, indica uso de baixo risco ou abstinência; Zona II – de 8 a 15 pontos, indica uso de risco; Zona III – de 16 a 19 pontos, sugere uso nocivo; e Zona IV – acima de 20 pontos mostra uma possível dependência (Pillon e Webster, 2006). O tempo utilizado para responder a esse instrumento foi de aproximadamente 5 minutos. O resultado do AUDIT será demonstrado na Tabela 10.

TABELA 10 – Demonstrativo do resultado do AUDIT aplicado entre homens e mulheres rurais

Zona de Risco	Número de Pessoas	
	Nº	%
Zona II: de 8 a 15 pontos (indica uso de risco)	03	15%
Zona III: de 16 a 19 pontos (sugere uso nocivo)	04	20%
Zona IV: acima de 20 pontos (mostra uma possível dependência)	13	65%
Total	20	100%

Fonte: Elaboração própria, 2016

Observa-se a partir dos dados da tabela acima que há certa tendência a uma possível dependência entre os entrevistados, o que corresponde a 65%. Outra parte sugere uso nocivo de bebidas alcoólicas, 20% e 15% indicam uso de risco. Como se pode constatar, o consumo problemático de bebidas alcoólicas já faz parte da realidade da vida desses entrevistados, sendo, portanto, necessária a construção de estratégias de enfrentamento de tal situação com intuito de controlar os possíveis danos que essa droga pode causar em suas vidas

A pesquisa foi realizada com vinte pessoas moradoras na zona rural de um município do sudoeste da Bahia, sendo 11 homens e 09 mulheres com idade entre 25 e 75 anos.

O critério para a escolha da amostra se deu a partir da seleção de pessoas que são acompanhadas pela Equipe de Saúde da Família da área em estudo que declararam ser alcoolistas.

Em julho de 2016, antes de iniciar as entrevistas e aplicação do AUDIT, foi realizada uma reunião com os participantes informando o objetivo da pesquisa e a importância dos depoimentos para a concretização do trabalho proposto. Foi colocada a garantia do anonimato, respeitando os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes.

Assim, foram observados e respeitados os precedentes da Resolução nº 466/12 (Conselho Nacional de Saúde) que dispõe sobre Pesquisa envolvendo Seres Humanos tratando com sigilo e utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos. Foram informados ao participante o objetivo da pesquisa e sua finalidade a fim de evitar constrangimentos de modo a contar com sua colaboração.

As entrevistas e o AUDIT foram realizados em lugares diversos, tais como debaixo de uma árvore, na casa do entrevistado, em uma sala de aula desativada, no meio da plantação, enfim, em locais onde ambos (entrevistado e entrevistador) se sentissem confortáveis, permitindo, assim, que a pesquisa fosse realizada sem interferência e garantindo a privacidade. Na realização da entrevista foram utilizados o gravador e anotações complementares com o objetivo de não perder nenhuma informação, garantindo, dessa forma, maior fidedignidade das informações. A seguir, procedeu-se à transcrição das informações obtidas, imediatamente após as entrevistas, para não perder uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

Concluindo, a transcrição das entrevistas passou-se para a análise dos dados com a construção das categorias de análise e sua respectiva interpretação seguiu a orientação de Bardin (1979): Técnica de Análise de Conteúdo.

Para realização da análise de conteúdo foram seguidos alguns passos: a primeira etapa foi a constituição de um *corpus* de análise, fase em que se procedeu

à organização do trabalho com a leitura flutuante do material para familiarização com o texto, comparando os registros com o material de análise.

O próximo passo foi a definição das categorias e subcategoria em que se buscou a categorização e classificação dos conteúdos. Esse processo constituiu em separar o material de acordo o significado comum constituindo códigos segundo temas chaves. Essas categorias permitiram a definição de conceitos que se quis conhecer e a organização da realidade investigada.

A etapa seguinte foi a definição das unidades temática, na qual foi feita a organização da unidade temática por categoria através da contagem da frequência da sua ocorrência. As categorias e subcategorias estão descritas no Quadro 01.

QUADRO 01- Distribuição das categorias e subcategorias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	CÓDIGOS	Nº DE UNIDADE DE ANÁLISE
1. Bebida como Diversão	1.1 Bar	BDB	27
	1.2 Dança	BDD	12
	1.3 Futebol	BDF	06
2. Bebida como Tradição	2.1 Manifestação Cultural e/ou Religiosa	BTMCR	14
	2.2 Temperada	BTT	20
	2.3 Beber o Morto	BTBM	17
3. Bebida como Remédio	3.1 Gripe	BRG	06
	3.2 Fechar o Corpo	BRFC	01
	3.3 Outras Enfermidades	BROE	07
	3.4 Outros Fins	BROF	05
4. Bebida como Dependência	4.1 Experiência com Bebida Alcoólica	BDEBA	21
	4.2 Concepção sobre a Pessoa que Bebe	BDCPB	35
	4.3 Concepção sobre Alcoolismo	BDCA	20

Fonte: Elaboração própria, 2016

### 4.3 DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS

**Categoria 01.** Compreende as unidades de análises correspondentes à Bebida como Diversão. Nela contém três subcategorias, perfazendo um total de 45 unidades de análise temática.

**Categoria 02.** Compreende as unidades de análise correspondente à Bebida como Tradição. Esta categoria engloba três subcategorias com um total de 51 unidades de análise temática.

**Categoria 03.** Corresponde às unidades de análise relacionadas à Bebida como Remédio. Nesta categoria pertencem quatro subcategorias, totalizando 19 unidades de análise temática.

**Categoria 04.** Corresponde às unidades de análise relacionadas à Bebida como Dependência. Ela engloba três subcategorias, perfazendo um total de 76 unidades de análise temáticas.

### 4.4. RESULTADOS ENCONTRADOS: APRESENTAÇÃO DAS CATEGORIAS

A seguir serão demonstradas as categorias e subcategorias, bem como as interpretações de seus significados, permitindo, assim, uma melhor compreensão das formas de representações dos homens e mulheres rurais sobre os usos do álcool.

Na categoria Bebida como Diversão, os meios de lazer da comunidade pesquisada estão basicamente direcionados ao consumo de bebidas alcoólicas em bares. A localidade dispõe de 07 bares onde o comércio de bebidas é feito de forma livre e sem nenhuma fiscalização. Segundo relatos dos entrevistados, o consumo é feito preferencialmente nos finais de semana e em grande quantidade conforme é possível constatar nestes depoimentos:

[...] cachaça, sábado e domingo nos botequins e na venda de Zequinha (E 16).

[...] nos fins de semana liga o som no boteco, com bebida (E 5).

[...] a festa aqui é nas vendas, no bar. As pessoas bebe muito (E 4).

[...] as brincadeira nossa é de tomar cerveja, coca, refrigerante, cortezano, conhaque (E 1).

As festas dançantes que também foram mencionadas ocorrem nos bares onde são servidos bebidas alcoólicas e o jogo de futebol que representa outra fonte de lazer frequentemente se encerra nos bares. Relatos como os que serão citados a seguir demonstram como a diversão se encontra relacionada às subcategorias dança, futebol e consumo de bebidas alcoólicas.

[...] vão pro forró (E 2).

[...] no bar de Zequinha tem dança (E 12).

[...] tem bar no campo durante todo o jogo tem bebida (E 6).

Como se pode ver o consumo de bebida alcoólica se encontra fortemente arraigado nos hábitos e costumes dessa população. Ir ao bar a partir das sextas-feiras até aos domingos faz parte da rotina e configura a opção de lazer desse povo que vem sendo reproduzida ao longo do tempo, faz parte da memória dessa comunidade.

Outro fato que merece destaque é que nesse processo construtivo da memória a diversão não se encontra associada a outros eventos familiares e sociais. Ela está diretamente ligada à prática de beber com os amigos e nesses relatos tem constituído uma prática coletiva, pois não foi feita nenhuma referência em beber sozinho. Talvez porque quando estão acompanhados e se mantendo em ambientes festivos esquecem os problemas, aproveitando o melhor da vida. Tal afirmativa pode-se constatar neste relato: “[...] saio na porta da venda, chego de manhã, vou brincar com os amigos” (E 1).

O prazer pelo consumo da bebida encontra-se associado à interação social. Ao beber, o sujeito aproveita a vida, diverte-se, interage com outras pessoas de forma livre e espontânea. Assim, a bebida alcoólica é um produto mais próximo da realidade dessas pessoas que pode lhe trazer diversão e prazer. Segundo Lioto (2012, p.86), “A rede de produtos que contribui para a diversão é interminável. Assim, ao associar bebida alcoólica a ambientes festivos, esta passa a ser mais um produto a disposição desse consumidor”.

A pessoa que bebe carrega o ideal de liberdade, comporta-se muitas vezes de uma forma que em outras ocasiões poderia ser considerada inaceitável quando está sob o efeito do álcool. É como se a bebida lhe desse autonomia para agir de acordo a atender seus desejos desconsiderando a razão. Por meio da bebida, o

indivíduo se sente livre, mas suas ações, sob os efeitos da embriaguez, muitas vezes podem não ser toleradas pelo grupo no qual está inserido, gerando, assim, sérios conflitos sociais e de relacionamento. Esse fato pode ser constatado no próprio depoimento dos entrevistados: “[...] bebe muito, bagunça. Briga por causa da bebida” (E 3). “[...] e se bebe? Toma uma cachaça danada. Sexta e sábado não tem quem dorme, é macho e fêmea” (E 11). Observa-se aqui certa intolerância por parte das pessoas quanto ao comportamento que os efeitos da bebida alcoólica desperta. A violência citada aqui no depoimento refere a um dos danos que o consumo de bebidas alcoólicas pode gerar com custo pessoal e social muito grande.

Outra forma de representação da bebida alcoólica foi configurada na categoria bebida como tradição.

Essa categoria demonstra a forte influência dos aspectos culturais nos hábitos e costumes dessa população. Suas crenças, religião e todo um conjunto de valores predominam e trazem uma significação que perpetua através das gerações. Celebrar os dias de Santos como Santo Antônio, São João e São Pedro, faz parte da rotina dessa população e tem uma significação própria, a qual é transmitida ao longo dos tempos. Associadas a esses festejos estão as bebidas alcoólicas, visto que todas essas comemorações vêm acompanhadas de comidas típicas e muita bebida, como licores, vinho e quentões. É importante salientar que essas bebidas em sua maioria são artesanais, sendo feitas em um contexto cultural e cerimonial. Os relatos a seguir demonstram a força cultural desses eventos na vida dessa comunidade:

[...] Festa de Santo Antônio, São João, São Pedro que comemora nas casas (E 9).

[...] festa de Reis. O grupo chega na casa toca a música, faz a palavra, o dono da casa abre a porta, entra, algumas casa serve bebida (E 5).

[...] a gente vai nas casa no São João e aí serve licor, batida (E 6).

[...] São João faz fogueirinha nas casas serve tiragosto, batida, biscoito. São Pedro só as viúvas faz fogueira, serve bebida e tiragosto. Festa de Reis caminha dia e noite carrega na capanga o litro de cachaça (E 11).

A festa de Reis é um evento cultural muito importante na localidade que ocorre todo mês de janeiro, traz além da prática religiosa de cantar os Reis muita bebida alcoólica, em especial a cachaça. O grupo responsável por cantar os Reis sai

nas ruas cantando e para nas casas, faz a reza, recebe um agrado (pagamento pela reza), come, bebe e segue para outra casa. Muitas vezes já chega às casas alcoolizado e quando não está se torna devido à quantidade de bebida alcoólica que é oferecida nas casas em que visita.

O costume de comemoração desses eventos culturais faz parte dos hábitos daquela população e é passado de geração a geração. São práticas transmitidas coletivamente que têm uma significação e trazem valores que são guardados na memória e posteriormente são reproduzidas constituindo uma forma de representação social.

O consumo da temperada também é uma prática antiga e que se mantém viva. A mulher quando está próximo o período do parto a família prepara uma bebida à base de cachaça e especiarias que fica em infusão para ser oferecida aos visitantes desta mulher após o parto. O conhecimento popular faz com que utilizem da associação de ervas medicinais com cachaça para o desenvolvimento da bebida que será ofertada aos visitantes e à própria parida após o parto. A bebida alcoólica aqui tem uma significação diferenciada para comunidade. Ela simboliza a celebração da vida, o nascimento, ao mesmo tempo em que se destina à recuperação da mãe recém-parida. É o que se pode conferir nesses depoimentos:

[...] Tem de oferecer um golim oferece a quem quiser de 4 a 5 dias quando a mulher pári, coloca hortelã, losna, açafraão, pimenta do reino só um pouquinho na cachaça (E 1).

[...] a mulher pári antes faz a cachaça temperada com hortelã, fredegoso, cebola e oferece aos convidados (E 2).

[...] faz a temperada com losna, cebola e alho. O marido oferece para quem chega. Bebe só um pouquinho. Só pra comemorar o nascimento da criança. Por alegria (E 5).

[...] agradar os amigos que chega. Com losna, arruda, cebola branca e alho e pinga. O marido oferece as pessoas, algumas paridas também bebe. É difícil ter uma que não bebe (E 6).

[...] quando eu ganhei meus fí tudo, eu dei. Bota losna na cachaça pra ficar gostosa e dá pra que visita a parida dá junto com o pirão de galinha, fica é gostosa a temperada da parida (E 10).

[...] cachaça com remédio: losna, hortelã. Toda casa tem quando a mulher ganha neném. A mulher que pariu tem que tomar pra ter forças (E 14).

Tanto a parturiente quanto os visitante tomam esta bebida em comemoração ao nascimento da criança. Além da bebida, é servido também um pirão de galinha em agradecimento pela visita. Há relatos que a temperada tem a propriedade de

auxiliar na recuperação da mãe evitando sangramento. Nesse período, o consumo de bebida é tão grande que uma entrevistada informou que após seu parto ficou embriagada algumas vezes por conta do consumo da temperada.

A prática de beber o morto constitui uma atividade comum na localidade. Quando alguém morre é comum velar o morto durante o dia e a noite e para aguentar tanto tempo a família do morto oferece bebida alcoólica, preferencialmente cachaça, para os visitantes. Quando isso não ocorre as pessoas vão embora ou então vão para o bar comprar bebida alcoólica conforme relatos a seguir:

- [...] o povo vai embora se não oferecer, pinga pura (E 2).
- [...] bebe o morto. Pinga pra quem quer beber. É costume (E 3).
- [...] mais que eles bota é muita cachaça pro povo beber. Quando meu pai morreu a cachaça lá em casa foi até umas hora (E 4).
- [...] bebe e muito o morto. A noite toda. Quando morre alguém da casa o dono da casa compra cachaça e da pro povo (E 9).
- [...] quando a pessoa tá morta bebe pra rezar. Quando não tem a bebida sai com raiva falando. Oferece café e cachaça. Os que vai abrir a cova no cemitério leva o litro de cachaça para abrir a cova. Se não levar não abre a cova (E 16).
- [...] quando morre alguém aqui eles dão cachaça a noite toda ao povo. Dão para passar a noite. Se não der o povo vai embora e o corpo fica sozinho (E19).

No mês de setembro, após o término das entrevistas, um dos informantes sofreu um ataque cardíaco fulminante indo a óbito. Então, presenciamos a prática de beber o morto na localidade pesquisada que durou 03 dias, a família do falecido oferecendo comida e bebida aos visitantes, encerrando com o sepultamento, uma prática marcada por valores que imprimiam um sentido ao evento. A representação social da prática de beber o morto naquela localidade retratou o valor simbólico que tal evento representa na vida daquela comunidade, onde a bebida alcoólica apresenta outra configuração, passando a ser objeto de cortejo das cerimônias fúnebres.

Segundo Silva e Negreiros (2012, p.01), “As ações humanas comportam um significado histórico que traduzem realidades e códigos culturais, as quais comportam valores sociais e culturais constituídos por determinado grupamento social”. Desse modo, então, os hábitos e costumes de consumir comidas típicas da região e de beber bebidas alcoólicas nos festejos religiosos podem ser representações culturais dessa população, as quais constituem símbolos e valores sociais que traduzem seu modo de vida.

A categoria bebida como remédio vislumbra diferentes formas de uso da bebida alcoólica. Podemos ver nessa categoria a estreita relação que a população mantém com as ervas e plantas. O conhecimento popular faz com que utilizem desse recurso para o tratamento de muitas enfermidades. Embora sem comprovação científica, o uso de plantas medicinais no tratamento de doenças constitui uma prática comum nesta localidade, a qual tem perpetuado ao longo dos tempos. Segundo Giraldi e Hanazaki (2010, p.01):

Desde os primórdios da existência humana, os homens buscam na natureza recursos para melhorar suas próprias condições de vida, aumentando suas chances de sobrevivência. Tal interação é fortemente evidenciada na relação entre seres humanos e plantas [...].

Há muito tempo as plantas e ervas vêm sendo objeto de pesquisa e utilizadas por diversas pessoas, dentre elas estudiosos, curandeiros, benzedeiros, curiosos, enfim, uma infinidade de indivíduos que tinham o propósito de desvendar os mistérios do tratamento e da cura das enfermidades. Hoje, o que se vê é essa infinidade de receitas em que a população faz uso para curar seus males. Assim, conforme SANTOS (2000, p.926):

As populações acostumadas a enfrentar, com seus próprios recursos, enfermidades que às vezes desconheciam, criaram novas técnicas de uso, descobriram novas finalidades para as plantas que já conheciam, a partir dos dados recém-incluídos no seu dia a dia.

O emprego de ervas e plantas associado a bebidas alcoólicas no tratamento das enfermidades se dá desde a busca da cura de problemas que afetam a saúde até aqueles que atingem questões espirituais, por exemplo, remédio para “fechar o corpo”. A produção desses medicamentos traz valores e significações, as quais fazem com que o produto seja legitimado e consumido pela comunidade. Desse modo, o uso de plantas e ervas medicinal pela comunidade pesquisada constitui uma prática comum e amplamente aceita em seu meio conforme pode se constatar nestes depoimentos:

[...] Cachaça com alho, cebola, cominho e fredegoso pra gripe (E 2).  
[...] é usado pra remédio. Pra gripe pra cortar a gripe. Faz a queimada com fredegoso, alho, pimenta do reino, cebola branca, coloca no fogo, queima e coloca cachaça (E 6).

[...] queima sal, pimenta do reino, fredegoso e alho mistura com cachaça é bom para gripe. Conhaque com limão para rouquidão (E 10).

[...] remédio: mastruz, fredegoso, hortelã, poejo, alevante, arruda, losna, alho, pimenta-do-reino e cominho, um pouco de cachaça, chifre de vaca, queima, cõa, coloca no vidro e toma um pouco e passa no lugar onde tiver com câimbra, onde dá câimbra (E 16).

[...] usar pela manhã pra fechar o corpo (E 13).

A bebida alcoólica também é utilizada para desinibir dando coragem ao indivíduo a realizar ações que quando sóbrio não teria coragem. Muitas pessoas se sentem fortalecidas, potentes e autossuficientes quando consomem bebidas alcoólicas, esse fato se dá pelo efeito estimulante do álcool. O consumo de álcool provoca vários efeitos que surgem em diferentes fases: estimulante e depressora. No início, quando o sujeito começa a ingerir a bebida alcoólica, podem surgir os efeitos estimulantes que fazem com que ele se sinta mais solto, leve, eufórico e falante, com o passar do tempo vai para a segunda fase, a depressora, com falta de coordenação motora, descontrole e sonolência (CEBRID, 2016).

Outra forma de representação da bebida alcoólica está caracterizada na categoria bebida como dependência, a qual compreende a experiência com a bebida alcoólica e a concepção da pessoa que bebe e do alcoolismo.

A categoria bebida como dependência, em sua subcategoria experiência com bebida alcoólica, demonstra que a população pesquisada faz uso frequente de bebida alcoólica, sendo que a maioria relatou fazer uso diário. É possível constatar que há uma relativa dependência, sendo o consumo de bebida alcoólica uma rotina comum entre os sujeitos pesquisados. Muitas vezes, a bebida é utilizada como encorajadora para iniciar o trabalho, para a hora do banho (já que lá na localidade o banho é frio), para aumentar o apetite, para atender a uma demanda do corpo que já está dependente do álcool ou simplesmente para alimentar o desejo e satisfazer o prazer de beber. Assim demonstra os depoimentos a seguir:

[...] eu bebo, não vou negar não. Sempre que eu achar (E 1).

[...] em casa todo dia. Acordei tomei uma pinga (E 2).

[...] bebo mas não é todo dia. Começo quando vou trabalhar, meio-dia, quando vou tomar banho e quando vou dormir (E 3).

[...] bebo. Qualquer hora que eu achar eu bebo. (começou a chorar) Tem horas que meus filhos me xingam porque eu bebo (E 10).

[...] bebo de mais. Toda hora que achar bebida (E 16).

[...] eu bebo, mas tenho que tomar um remédio pra parar essa bebida. Eu bebo só na hora do almoço. E nas festas (E 4).

[...] um dia Deus dá o jeito. Eu quero parar de beber. É só Deus que dá o jeito. Eu labuto pra parar, mas não tem jeito (E 7).

Observou-se também com os depoimentos que o uso frequente da bebida alcoólica tem gerado certo sofrimento e incomodado essa população. Outro fator também evidente é que o uso de bebida alcoólica é uma prática do passado que se mantém presente nos tempos atuais de forma latente e que, de acordo com as formas de organização cultural e social, tenderá a se manter no futuro.

O consumo de bebidas alcoólicas está presente na história de vida dessas pessoas, seja nas festas, nos cortejos religiosos, nas medidas terapêuticas, em suas crenças, em seus ritos, enfim, em seus hábitos e costumes. Cumpre uma função importante que vai desde a satisfação do prazer até alterações do comportamento.

Convém ressaltar que o padrão de consumo de bebidas alcoólicas nesta localidade pesquisada não difere muito da realidade do país cujo consumo de álcool é superior à média mundial. A periodicidade e a quantidade utilizada de bebida alcoólica estão intimamente relacionadas a agravos à saúde e riscos de acidentes e aumento da violência.

Quanto à subcategoria concepção da pessoa que bebe, observou-se que existe uma preocupação em torno da problemática na qual o alcoolismo está inserido. Foi possível perceber certa tristeza e insatisfação por estarem vivenciando uma situação de possível dependência ao álcool. A preocupação com a família, com o futuro, com a própria dignidade se manteve presente durante todo o processo da entrevista. Algumas pessoas se emocionaram ao relatar sua experiência com a bebida alcoólica, o que demonstra dor e sofrimento por traz da aparente alegria que a embriaguez apresenta. De todos os indivíduos entrevistados nenhum demonstrou se sentir confortável com o consumo de bebida alcoólica. Todos foram categóricos ao enfatizar os efeitos prejudiciais da bebida. Os depoimentos a seguir demonstram tal afirmativa:

[...] acho coisa ruim. Briga com sua família, fala coisa que não pode por causa da bebida, fala coisa que não presta (E 2).

[...] ele ta fazendo a coisa errada ( 5).

[...] eu não sei não. Eu mesmo não bebia assim não, mas depois que faleceu minha mãe e minha irmã, se jogar na bebida, cair na depressão (E 6).

[...] beber é um vício e não tem jeito largar a bebida (E 8).

[...] meu esposo. Eu peço a Deus pra ele largar porque ele pega até facção pra me matar dentro de casa. Eu tenho um filho que também bebe muito. É ruim, não é nada bom né? (E 10).

[...] muita destruição e muita ruindade (E 14).

[...], só a própria pessoa é que pode se ajudar (E 15).

[...] acho feio não é bonito não. Não quer comer, acabo o apetite, dói o estômago, treme os braços (E 16).

[...] dar remédio controlado pra controlar vai parando devagar ai chega ao ponto que para tudo. (emoção e lágrimas) (E 3).

Nesses relatos fica clara a consciência dos entrevistados quanto aos efeitos nocivos do álcool ao organismo, bem como o sofrimento que é conviver com a dependência. O padrão de consumo do uso de bebidas alcoólicas vai do uso moderado ao beber pesado (*binge*). O que se observou claramente é que o beber pesado constitui uma prática comum naquela localidade, o que configura um risco a danos à saúde, como o desenvolvimento de doenças cardiovasculares, hepáticas e transtornos psiquiátricos e psicossociais, além de outros agravos, como comportamento sexual de risco, acidentes domésticos, violência, acidentes de trânsito, entre outros. Assim, segundo Jomar e Abreu (2011, p.492):

Nesse sentido, é importante ressaltar que há muitas formas de uso de álcool que podem causar riscos importantes ou nocivos para o indivíduo, pois o conceito de uso problemático de álcool não se aplica somente ao dependente ou ao paciente que chega ao serviço de saúde com hálito alcoólico. Existem outros padrões de uso de álcool que causam riscos substanciais ou nocivos para o indivíduo, entre eles, a situação de beber muito todos os dias, repetidos episódios de intoxicação pelo álcool, beber de forma que cause prejuízo físico ou mental e o ato de beber que resulte na pessoa se tornar dependente.

O consumo de bebida alcoólica é uma prática antiga que foi socialmente construída naquela localidade. O convívio familiar, as tradições locais e a apreensão dos valores culturais da região configuram instrumentos construtores da memória, os quais ao adquirirem uma significação e identidade própria se tornam objeto de representação social.

A bebida alcoólica assume aqui uma função ambígua. Ao tempo em que transborda significações, sendo utilizada para diversão, confraternizar, celebrar a vida e outros eventos da tradição cultural, traz também outra face que traz a dor, a agressividade, a exclusão, o rompimento de laços familiares, de amizade, desajuste no trabalho, enfim, constitui um sério problema social e de saúde pública.

Quanto à subcategoria concepção sobre o alcoolismo, a maioria não sabia informar o que significava e os que sabiam não quiseram falar. Existe uma barreira muito grande quando se fala no termo alcoolismo, houve um bloqueio, não quiseram mais comentar sobre o tema, é como se falar sobre consumo de bebida alcoólica não tivesse relação com alcoolismo.

Mais uma vez a influência cultural deixa sua marca na construção do conhecimento aqui referido. Para se conceituar alcoolismo, faz-se necessário considerar fatores culturais, biológicos e ambientais e sua possível interação, uma vez que tais fatores poderão ser determinantes/condicionantes do processo de definição do padrão de consumo do álcool.

O conceito de alcoolismo não é muito fácil, para defini-lo é preciso antes de tudo compreender a forma como a sociedade atribui significações ao consumo excessivo de álcool e suas causas e busca entender seus efeitos. A comunidade rural, assim como muitos estudiosos, também tem suas dificuldades em chegar a um conceito de alcoolismo e com base nos seus valores culturais prefere muitas vezes abster-se da incumbência de definir, pois desse modo deixa de se corresponsabilizar pelo problema que se encontra presente em sua localidade. Tais depoimentos demonstram claramente tal afirmativa:

[...] não sei (E 1).

[...] pessoa mantida no álcool, movida a bebida todo dia. Eu sou alcoólatra e sofro (E 2).

[...] sei mas não quero falar. (E 5)

[...], não sei. Acho que é uma pessoa que bebe demais. Não pode ficar sem beber dia nenhum (E 8).

[...] por alto. Não sei falar (E 9).

[...] sei, porque uma psicóloga amiga minha já falou comigo sobre isso. Sei o que é (E 13).

[...] muita coisa ruim, o cara passa mal, o álcool deixa a pessoa louca (E 14).

[...] sei. É a pessoa que não aguenta ficar sem beber (E 15).

[...] sim mais ou menos (E 17).

Então, vemos que aqui se forma duas representações do alcoolismo, uma biológica, na qual este problema é visto como uma doença, e uma questão física, associada ao sofrimento, a dependência. Nessa perspectiva, segundo Gigliotti & Bessa (2004, p.12), “a dependência torna-se um comportamento que se retroalimenta e que abrange muito mais que tolerância e abstinência”. Sendo assim, a partir dos depoimentos, foi possível identificar que os entrevistados reconhecem a

presença de possíveis dependências mediante expressões que demonstram uso frequente e em grande quantidade e algumas vezes até compulsivo e incontrolável da bebida alcoólica, sem, contudo, considerar os danos e prejuízos que esse consumo pode causar a sua vida. A bebida aqui assume uma significação e passa a ter um valor superior aos demais valores imprimidos pela sociedade interferindo na saúde e nas relações familiares e sociais.

Outra forma de representação do alcoolismo é a moral em que alterações do comportamento podem levar ao desenvolvimento do estigma e práticas de exclusão, os quais se encontram fortemente presentes no convívio social, sendo que ambos ancoram nos valores dos grupos sociais dos quais trazem suas significações e seus conhecimentos sedimentados e armazenados na memória coletiva.

A memória coletiva é construída a partir das relações sociais. Segundo Halbwachs (2006), o indivíduo para recordar precisa estar inserido em um grupo, uma vez que a memória coletiva pertence a um grupo. Assim:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p.30).

Constata-se que os dados apresentados revelam que as representações construídas pelo homem e mulher rural sobre o alcoolismo são produções coletivas potentes e legítimas o suficiente para gerarem representações sociais na comunidade pesquisada. Desse modo, as representações tendem a ser compartilhadas por todos do grupo.

Enfim, foi possível observar que parte do conhecimento popular é transmitida de pai para filho, de um grupo para outro grupo, de uma geração a outra. Nesse aspecto, a memória assume um importante papel, pois a transmissão dos valores culturais e tradições se dá a partir da memória coletiva que é exteriorizada através das representações sociais.

A seguir será apresentada a Tabela 11, a qual dispõe sobre o demonstrativo de homens e mulheres rurais relacionado ao início de ingestão de bebida alcoólica.

Tabela 11 - Demonstrativo de homens e mulheres rurais relacionado ao início de ingestão de bebida alcoólica segundo faixa etária

Idade	Início de ingestão de bebida alcoólica	
	Homem	Mulher
10-15 anos	54,50%	33,34%
16-20 anos	36,40%	11,11%
20-25 anos	9,10%	44,44%
25 anos e mais	-	11,11%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Elaboração própria, 2016

Esta tabela demonstra que a maioria dos homens iniciou a ingestão de bebidas alcoólicas na adolescência (10-15 anos), o que corresponde a 54,50%, enquanto que as mulheres iniciaram na fase adulta (20-25 anos), o que corresponde a 44,44%. Essa realidade é superior à brasileira, em que 22% dos jovens referiram ter experimentado a bebida alcoólica com idade inferior aos 15 anos (LENAD, 2012). Percebe-se que devido ao fato de o consumo de bebida alcoólica ser uma prática comum e socialmente aceita, ela tem iniciado cada dia mais cedo, na adolescência.

Na Tabela 12 será demonstrada a distribuição de homens e mulheres rurais de acordo com a ocasião em que experimentou pela primeira vez a bebida alcoólica.

Tabela 12 - Distribuição de homens e mulheres rurais de acordo com a ocasião em que experimentou pela primeira vez a bebida alcoólica.

Ocasião em que ocorreu a experiência com bebida alcoólica	Homem	Mulher
Saindo com os amigos	36,4%	33,4%
Trabalhando em alambique	18,2%	11,1%
Em casa com familiares e em casa de amigos	18,2%	22,2%
Saiu sozinho(a) para o boteco e bebeu	9%	11,1%
Por motivo de doença com familiares	-	11,1%
Trabalho engenho de cana e coleta de café	18,2%	-
Não sabe informar	-	11,1%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Elaboração própria, 2016

A tabela acima demonstra que em relação à ocasião em que ocorreu a experiência com bebida alcoólica, saindo com os amigos predominou em relação às demais ocasiões, sendo 36,4% para os homens e 33,4% para as mulheres; em seguida, está a influência familiar, 18,2% (homens) e 22,2% (mulheres), e o trabalho

em alambique, 18,2% (homens) e 11,1% (mulheres). Como se pode ver, a primeira influência é a externa, dos amigos, os quais oferecem a bebida a tornando atrativa. A influência familiar também é outro fator importante, pois as práticas passadas de pai para filho, transmitidas de geração a geração, configuram o papel da memória na consolidação das representações sociais dessa comunidade. Todo um conjunto de hábitos e comportamentos que são reproduzidos e apreendidos pela comunidade a partir da memória coletiva.

## 5. CONCLUSÃO

A bebida alcoólica sempre esteve presente na vida das pessoas. E essa relação se deu por inúmeras razões, sejam de ordem cultural, religiosa ou simplesmente para atender aos desejos pela busca do prazer.

O consumo de bebidas alcoólicas constitui uma prática antiga, seu uso em rituais, cerimônias religiosas, nos eventos festivos como fonte de diversão e prazer desde a antiguidade já fazia parte do cotidiano das pessoas, sendo que, de acordo com os próprios costumes e valores coletivos, nem sempre representou um problema social.

As mudanças sociais ocorridas no século XIX, o aquecimento no mercado de bebidas alcoólicas e conseqüente redução do seu preço levaram ao aumento do consumo de bebidas alcoólicas. Por ser uma droga lícita de livre comercialização, o aumento de sua adesão e consumo tem constituído uma realidade a qual configura o uso e abuso do álcool um sério problema que necessita de intervenção.

Campanhas populares como a Lei Seca foram criadas com o propósito de controlar esse consumo abusivo, no entanto não obteve grandes êxitos, uma vez que se acreditava que tal campanha não se limitava às medidas preventivas ou de saúde pública, havia outros interesses diferentes dos objetivos propostos.

Atualmente, está comprovado que danos à saúde, a criminalidade, a violência doméstica, acidentes de trânsito, entre outros agravos, estão relacionados ao consumo de álcool. Os danos que a bebida alcoólica pode causar nos indivíduos são os mais variados, vão desde danos físicos, como doenças cardiovasculares, doenças hepáticas, doenças mentais, até danos sociais, como desajuste familiar, desemprego, encargos na seguridade social, além de serem conduzidos pelo grupo social em que vive, a estigmatização, exclusão social, sendo muitas vezes considerados inferiores em relação aos demais membros do grupo por estarem vivenciando tal problemática.

O meio rural, sob influência das mudanças provenientes do modo de vida, meio de produção, diferentes atividades geradoras de renda, tem incorporado novos valores aos seus hábitos e costumes. Uma identidade própria cuja cultura local constantemente vem sendo reconstruída e adaptada às exigências sociais atuais.

Nesse contexto, as representações sociais refletem esse processo de atualização constante a partir do seu estilo de vida, padrões culturais, interações sociais estabelecidas entre os homens e mulheres rurais nesta sociedade.

Na localidade rural pesquisada, observou-se que o consumo de bebidas alcoólicas faz parte do cotidiano dessa comunidade, suas representações refletem o modo como a população convive com esse consumo construindo valores e atitudes em relação ao álcool que foram consolidados a partir do referencial obtidos a partir da memória coletiva.

As representações sociais compartilhadas na comunidade rural são práticas e experiências coletivas consolidadas. A memória coletiva foi construída a partir dessas práticas vividas no passado e se mantém presente nos tempos atuais.

O homem e a mulher rural que consomem excessivamente bebidas alcoólicas constroem representações sociais que permitem compreender o alcoolismo sob uma dimensão diferenciada. Desperta para desvendar qual o papel social do alcoolista, pois este está vivendo muitas vezes em meio à privação de alguns direitos, passando por exclusão social, com a necessidade de adaptação aos padrões de convivência estabelecidos pela sociedade.

Para viver em sociedade e adaptar-se ao meio, o indivíduo constrói representações sociais objetivando apreender conhecimentos de se adequar à realidade social.

Devido a sua complexidade, definir representações sociais não é uma atividade fácil, porém reconhecê-la a partir do modo como elas são produzidas no meio social requer considerar os fenômenos sociais e psicológicos, legitimando, desse modo, seu reconhecimento.

Assim sendo, as representações sociais contêm componentes sociais e psicológicos, bem como os mecanismos de interação social, os quais constituirão a identidade e o caráter social desse grupo.

Convém salientar que segundo Moscovici (2003) as representações sociais são prescritivas, ou seja, trazem uma força que as mantém legítima, além de convencionalizar as práticas e atitudes tornando-as aceitas pela sociedade. Para traçar essas convenções, o grupo atribui significações às condutas estabelecendo padrões que devem ser seguidos ou não.

Para Moscovici (2003), as representações sociais são impostas sobre nós, sendo consequência de um conjunto de conhecimentos e condutas transmitidas de geração em geração, que são armazenados na memória coletiva do grupo e são reproduzidos na proporção em que tais acontecimentos tenham uma significação, gerando, assim, mudanças comportamentais no grupo.

Buscar compreender como se dá o processo de construção das representações sociais de homens e mulheres rurais foi importante, pois permitiu reconhecer as práticas e os costumes locais e o modo como suas relações sociais conduzem suas atitudes e tomadas de decisão.

Para Abric (1998), as representações sociais funcionam com um guia orientando as ações e as relações sociais. Nesse sentido, a história de vida e o contexto social do indivíduo são o que conduzirá suas práticas e ações sendo seu sistema de referência.

Os mecanismos construtivos da memória se dão a partir dos hábitos, dos costumes, modo de vida de um povo, as relações sociais estabelecidas que carregam uma significação e um valor que são conservados e reproduzidos pelo grupo. A memória coletiva permite que práticas e comportamentos sejam transmitidos e compartilhados pelo grupo ao longo do tempo, constituindo, dessa forma, um importante instrumento para a consolidação das relações sociais.

Compreende-se, então, que o homem e a mulher rural ao construírem as representações sobre os usos do álcool buscaram experiências passada a partir da memória, produzindo no cotidiano saberes e práticas que foram atualizadas e socialmente compartilhadas. A memória aqui é compreendida como resultado das relações sociais. São recordações repletas de significações coletivas em uma perspectiva cultural.

Entendemos que o processo construtivo da memória e das representações sociais mantém uma estreita relação com as práticas elaboradas e partilhadas pelos grupos sociais. A memória traz um conteúdo social na medida em que carrega como parâmetro hábitos, costumes e eventos sociais significativos.

Nas comunidades rurais, as tradições locais, a transmissão de valores e saberes culturais pelo grupo demonstram a relação estabelecida entre as representações sociais e a memória. Muitos comportamentos são transmitidos de pai para filho, de um indivíduo para o outro, a partir dos registros arquivados na

memória. Conhecer a realidade da comunidade rural permitiu identificar os valores e significações contidos na memória responsáveis pela formação das representações sociais.

Em relação à bebida alcoólica, a comunidade rural traz costumes em comum através dos quais as pessoas formaram uma postura perante o consumo do álcool, construindo, assim, uma forma de representação. Tem-se observado que as representações dos grupos rurais sofreram influência da modernidade mesmo tentando conservar seu contexto cultural. Isso leva à constatação do desenvolvimento e evolução do rural, o qual vem se transformando e se adaptando às exigências dos tempos atuais, adquirindo, assim, uma identidade própria, uma ruralidade.

No que se refere ao consumo de álcool, as pessoas criam representações para interagirem com o meio social estabelecendo estratégias a partir das quais seu consumo se torne uma prática comum no meio social. Esse processo se comprova quando os homens e mulheres rurais expressaram suas experiências com o uso do álcool, bem como sua concepção acerca do alcoolismo. Nas comunidades rurais, as bebidas alcoólicas mantêm uma relação com práticas culturais, tais como uso em cerimônias religiosas, para comemoração do nascimento, nas cerimônias fúnebres, dentre outras situações. São tradições que marcam a história e o contexto sociocultural da comunidade sendo um dos propagadores do uso da bebida alcoólica no meio social.

O álcool representa a droga mais consumida no Brasil. Tem-se observado um aumento da prevalência do consumo de álcool, o que de certo modo influencia diretamente no surgimento de agravos à saúde e problemas sociais e econômicos no país (CEBRID, 2005). Cabe salientar que 25% do álcool puro produzido em todo o mundo é ilegal, logo a falta de fiscalização e controle de qualidade pode gerar sérios problemas à saúde, pois pode conter substâncias tóxicas.

O uso abusivo de álcool desestrutura a vida do indivíduo, torna sua saúde fragilizada, quando está trabalhando não consegue desenvolver bem suas funções e sob efeito do álcool perde a credibilidade, recaindo sobre ele o efeito negativo do consumo abusivo da bebida alcoólica. A dependência do álcool tem um custo social, gera internações hospitalares, atendimento na rede básica, sistema judiciário,

previdenciário, desemprego, perda da autoestima, estreitamento no relacionamento com os amigos, desajuste familiar, dentre outros.

De acordo o LENAD/2012, o consumo e a frequência de consumo de bebidas alcoólicas pela população brasileira cresceram tanto entre homens quanto entre mulheres, assim como seus consequentes efeitos nocivos. Se reportarmos à história de nossos antepassados, veremos que a realidade rural em relação ao consumo de bebida alcoólica não é muito diferente. Desde a Pré-História que já há relatos do emprego da bebida alcoólica como medicamento, os gregos usavam vinho e a cerveja em festas, enfim, a bebida já fazia parte dos rituais e cerimônias, seu consumo constituía uma prática comum. Como se pode ver o fator cultural é um dos principais responsáveis pela formação dos hábitos e costumes, bem como formação dos valores de uma comunidade. No que diz respeito à bebida alcoólica, esses valores ditam as práticas de consumo, mas nem sempre estão atentos aos riscos que o consumo de álcool pode causar. Assim, as formas de representações sociais do álcool na sociedade rural seguem padrões que vão gerar diferentes pontos de vista diante do uso do álcool. Fatores biológicos, psicológicos, socioculturais, situação econômica instável podem ser condicionantes/determinantes no processo gerador do alcoolismo.

Definir alcoolismo é bastante complexo, uma vez que além de ser definido como doença traz um conteúdo moral e social que o caracteriza como um vício. O alcoolismo envolve aspectos orgânicos, sociais, psicológicos, econômicos, enfim, requer melhor compreensão para entendimento dessa problemática.

O consumo de bebida alcoólica é muito comum na comunidade rural configurando parte da cultura desse povo. Observou-se que a bebida alcoólica tem sido utilizada para diferentes finalidades obedecendo à tradição cultural local. A memória é um fenômeno que se mantém vivo nesse processo de representações, pois é constantemente atualizada e dá legitimidade aos acontecimentos e comportamentos do grupo.

A comunidade rural onde foi desenvolvida a pesquisa traz uma cultura local carregada de valores e crenças que foram armazenadas na memória coletiva do grupo e tem uma significação, sendo compartilhada socialmente. Quanto à bebida alcoólica, é comum seu uso em festas religiosas, como as de Santo Antônio, São João, São Pedro, Festa de Reis, comemora-se o nascimento (com o uso da

temperada). A bebida alcoólica é utilizada nos velórios (com a prática de beber o morto), utiliza-se também como medicamento, para fins espirituais, enfim, a bebida alcoólica é utilizada para uma infinidade de objetivos. O consumo das bebidas alcoólicas nesses eventos já faz parte da memória do grupo e são compartilhadas cotidianamente como forma de representação.

O nascimento é um momento de grande celebração em que as famílias têm o costume de prepararem com antecedência uma bebida preparada com ervas e cachaça, a temperada, para ser servida aos visitantes da mulher parida. Todo esse ritual de confraternização encontra-se repleto de uma carga cultural em que as representações sociais são construídas a partir da memória coletiva do grupo.

O mesmo é possível evidenciar nas práticas de beber o morto, em que o momento de dor se confunde com o momento festivo na medida no qual é oferecido aos visitantes do velório a bebida alcoólica. Tradição com um contexto cultural que se encontra arraigado nas práticas e nos costumes locais.

Como foi possível observar no meio rural, o consumo de bebida alcoólica é feito para diversas finalidades, sendo uma prática antiga, transmitida através das gerações. Tal prática encontra-se preservada na memória coletiva do grupo e por meio das representações sociais é legitimada e compartilhada no grupo social.

Observou-se também que a população pesquisada possuía condições precárias de moradia, sem saneamento básico, baixo poder aquisitivo o que corresponde a um dos fatores determinantes/condicionantes do alcoolismo. Possui uma população predominantemente adulta em idade produtiva, porém com baixa escolaridade, o analfabetismo supera as taxas nacionais. A falta de um trabalho formal, o baixo poder aquisitivo e o desemprego também configuram fortes agravantes para o desenvolvimento do alcoolismo.

Após a aplicação do AUDIT e das entrevistas, observou-se certa dependência em relação ao consumo de álcool. Através das entrevistas, percebemos que uma das formas de representação das bebidas alcoólicas se relaciona à diversão fazendo parte do cotidiano dessas pessoas. O hábito de ir ao bar beber, dançar e ir ao jogo de futebol não apenas para prestigiar o jogo mas também para beber durante toda a partida e após o término constitui uma rotina que vem sendo reproduzida por muito tempo. É oportuno salientar que a busca pela diversão sempre é coletiva, beber com os amigos. Nesse processo coletivo, o indivíduo desenvolve a interação social.

Ao beber, o indivíduo tem uma sensação de liberdade e sob o efeito do álcool ele apresenta comportamentos muitas vezes inaceitáveis socialmente. Os efeitos da embriaguez algumas vezes são intoleráveis pelo grupo, gerando sérios conflitos sociais e de relacionamento.

Outra forma de representação do uso da bebida alcoólica apresentada nas entrevistas foi a bebida como tradição. Aqui se encontra a tendência das tradições culturais, dos hábitos e costumes locais com o uso de bebidas alcoólicas. As comemorações religiosas de santos padroeiros que geralmente são festas com comidas típicas e muita bebida alcoólica, as festas de reis que têm a tradição de oferecer bebida aos cantores do reisado, o uso da temperada e beber o morto são práticas antigas que trazem uma significação e são passadas coletivamente de geração a geração. Essas práticas são armazenadas na memória e reproduzidas constituindo representações sociais.

O consumo de bebidas alcoólicas também foi visto como tratamento terapêutico. Trata-se da aplicação de ervas medicinais associadas à cachaça no tratamento de algumas enfermidades e tratamentos espirituais. O uso desse conhecimento popular traz valores e significações capazes de dar legitimidade ao produto que está sendo consumido.

Outra forma de representação é da bebida alcoólica como dependência. Nesta forma foi possível perceber que a população pesquisada faz uso frequente de bebidas alcoólicas, constatando, portanto, uma possível dependência.

Observou-se, também, que o consumo de bebida alcoólica tem gerado sofrimento a essa população. Existe uma preocupação em torno da problemática na qual o alcoolismo está inserido, preocupação com a família, com o futuro, com a própria dignidade. Eles têm consciência dos efeitos nocivos do álcool ao organismo e quanto é ruim conviver com a dependência.

Segundo resultado do AUDIT, 65% dos entrevistados possuem possível dependência. Esse dado constitui um risco para a saúde dessa população, além de contribuir para outros agravos, como comportamento sexual de risco, acidentes domésticos, violência, entre outros.

O consumo de bebida alcoólica naquela localidade é uma prática antiga, está muitas vezes relacionado ao convívio familiar, às tradições locais, aos valores

culturais da região, são fenômenos da memória que adquiriram uma significação e se tornaram objeto de representação social.

A bebida alcoólica assumiu uma função ambígua. Ao tempo em que traz uma representação de celebração da vida, comemoração e diversão, por outro ângulo traz outro tipo de representação, como a dor, o sofrimento, a agressividade, a exclusão, o rompimento de laços familiares.

Apesar da consciência dos efeitos nocivos do consumo abusivo do álcool ao serem questionados quanto ao conceito de alcoolismo, a maioria não soube informar. Não construíram uma relação do uso abusivo de álcool com alcoolismo. A influência cultural deixa suas marcas na formação do conhecimento e aceitação de alguns conceitos.

O conceito de alcoolismo não é fácil para defini-lo, é preciso compreender o contexto sociocultural no qual ele se insere para a partir de então chegar a uma definição. A comunidade rural também tem sua dificuldade em conceituá-lo e apoiada em suas referências culturais prefere muitas vezes omitir-se a ter que relatar sua opinião.

De acordo com as entrevistas em relação à concepção de alcoolismo, formou-se duas representações uma biológica, em que o alcoolismo está voltado à questão física, ao sofrimento, à dependência, e outra moral, na qual as alterações do comportamento podem levar ao desenvolvimento do estigma e prática de exclusão, ao vício.

Enfim, foi possível constatar que as representações sociais construídas pelos homens e mulheres rurais sobre os usos do álcool são construídas a partir dos conteúdos que se encontram armazenados na memória coletiva do indivíduo e do grupo, os quais carregam uma significação e um valor para o grupo, além de estar carregada de tradições provenientes dos hábitos e costumes locais que se consolidaram na memória e foram transmitidos de geração a geração através dos tempos.

Essas representações são compartilhadas e validadas pelo grupo na medida em que suas práticas são firmadas na memória coletiva.

O desenvolvimento desta pesquisa serviu como importante suporte para o reconhecimento da realidade local no que diz respeito à dependência alcoólica na localidade, bem como permitirá o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento

do problema, visto que os dados da pesquisa demonstram que essa população necessita de apoio institucional para o enfrentamento da problemática que o alcoolismo revela, e por trabalhar como enfermeira na Estratégia de Saúde da Família com essa comunidade despertei para a necessidade do desenvolvimento de um programa de intervenção no que diz respeito ao alcoolismo.

Esperamos poder contribuir futuramente, enquanto pesquisadora e profissional de saúde, com a melhor estatística do alcoolismo nesta localidade proporcionando uma melhoria na qualidade de vida dessa população.

## REFERÊNCIAS

A BIBLIA DA MULHER. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

ALBAGLI, S. Interesse Global no Saber Local: A Geopolítica da Biodiversidade. Seminário Saber Local/ Interesse global: propriedade intelectual, biodiversidade e conhecimento tradicional na Amazônia. **Anais...** Belém: CESUPA: MPEG – 2004.

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB,1998.

ALFARO, A. A. P. **Alcoolismo**: os seguidores de Baco. São Paulo: Mercuryo, 1993.

BAU, C. H. D. Estados atual e perspectivas da genética e epidemiologia do alcoolismo. **Ciênc. Saúde Coletiva**, vol. 7, n. 1, 2002.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BARROS, D. R. **Representações sociais sobre o alcoolismo**: um Estudo com Alcoolistas Hospitalizados. (Monografia em Psicologia não publicada). João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba, 2000.

BERTONI, L. M. Reflexões sobre a história do alcoolismo. **Revista Hispeci & Lema**. Bebedouro – SP: FAFIBE, 2006.

\_\_\_\_\_. **Se beber não dirija**: representações, juventude e publicidade de bebidas alcoólicas. Campinas – SP: Librum, 2015.

BIAZZO, P. P. Considerações sobre as Categorias Rural e Ruralidade em suas Dimensões de Conhecimento. ISSN: 1981- 9021 – **Geo UERJ**. Ano 10 nº 18 – vol. 1 – 1º semestre 2008, 14p.

BRASIL. **Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Esta lei dispõe das diretrizes e bases da educação nacional. Brasília – DF, 1996.

BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade novas identidades em construção. XXXV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia e Economia Rural. **Anais...** Natal, 1997.

CASTANHA, A. R.; ARAUJO, L.F.de; Álcool e agentes comunitários de saúde: um estudo das representações sociais. **Psico** – USF, v.11, n.1, p.85-94, jan/jun.2006.

CESF. **Cartografia da Equipe de Saúde da Família de Capinal**. 2015.

CENTRO BRASILEIRO DE DROGAS PSICOTRÓPICAS. [CEBRID]. **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes de Ensino Fundamental e Médio das Redes Públicas e Privadas de Ensino nas 27 capitais brasileiras**. Brasília: SENAD, 2010.

\_\_\_\_\_. **I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas no Brasil**. Brasília: SENAD, 2001.

\_\_\_\_\_. **II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas no Brasil**. Brasília: SENAD, 2005.

COSTA, M. E. de A. Cultura Popular. In: REZENDE, M. B; GRIECO, B; TEIXEIRA, L; THOMPSON, A. (Org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/ DAF/Copedoc, 2014.

ESCOHOTADO, A. **História Elemental de las drogas**. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 2003.

FENDER, S. A. A Importância do envolvimento de familiares no tratamento de dependentes de drogas: uma experiência no PROAD. In: SILVEIRA FILHO, D. X.; GORGULHO, M. (Org.). **Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

FONSECA, A. F.; CORBO, A. M. D. **O território e o processo saúde doença**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

FROEHLICH, J. M. A. (Re) Construção de Identidades e Tradições: O Rural como Tema e Cenário. **Anais...** Congresso de La Asociación Latinoamericana de Sociología Rural – ALASRU, novembro de 2002.

GEORGIA, N. **Período Neolítico** – Características. Disponível em <<http://www.estudopratico.com.br/periodo-neolitico-caracteristicas/>>. Acesso em set. 2016.

GIRARDI, E. P. O rural e o urbano: é possível uma tipologia? Estudo parte da Tese de Doutorado Intitulada **Proposição Teórica-metodológica de uma Cartografia Geográfica Crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira**. Presidente Prudente, 2008.

GIGLIOTTI, A.; BESSA, A. M. Síndrome de dependência do álcool: critérios diagnósticos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 2004; 26 (Supl-I): 11-13.

GIRALDI, M; HANAZAKI, N. **Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no sertão do Ribeirão**, Florianópolis, SC, Brasil. *Acta bot. Brás.* 24(2): 395-406. 2010. Disponível em: <[www.scielo.br/abb](http://www.scielo.br/abb)> e <<http://www.botanica.org.br/acta/ojs>>.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. [IBGE]. **Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF): 2008 – 2009.**

JODELET, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In \_\_\_\_\_. (Ed.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

JOMAR, R. T.; ABREU, A. M. M. Produção científica sobre consumo de bebidas alcoólicas em periódicos brasileiros de enfermagem. Artigo de Revisão. **Revista de Enfermagem.** Rio de Janeiro: UERJ, jul/set, 2011.

LARANJEIRA, R. **II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) -2012.** São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP, 2014.

LIOTO, M. **Felicidade engarrafada:** bebidas alcoólicas em músicas sertanejas. Dissertação de Mestrado. Cascavel. PR. UNIOEST, 2012.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em Comunicação.** Formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

MACRAE, E. A história e os contextos socioculturais do uso de drogas. In: Módulo 1: **Sujeito, Contextos e Drogas.** Prevenção do Uso de Drogas. Capacitação para Conselheiro e Lideranças Comunitárias. 5ª ed. UFSC, 2013.

MACIEL, S. C.; MELO, J. R. F de. O uso da entrevista e da análise de conteúdo em pesquisas qualitativas. COUTINHO, M. da P. de L.; SARAIVA, E. R. de A. (Org.). **Métodos de pesquisa em Psicologia Social:** perspectivas qualitativas e quantitativas. João Pessoa: EDUFPB, 2011.

MAGALHÃES, L. D. R. e ALMEIDA, J. R. M. de. **Relações simbióticas entre memória, ideologia, história e educação.** Campinas – SP: Alínea, 2011.

MARIE, C. L. Maurice Halbwachs y la sociología de la memoria. Verdad, justicia, memória. **Raison Présente**, 128, octubre de 1998.

MENEZES, S. de S. M. Comida de ontem, comida de hoje. O que mudou na alimentação das comunidades tradicionais sertanejas? **OLAM – Ciência & Tecnologia – ISSN 1982-7784 - Ano XIII, v. 1, n. 2, julho/dezembro, 2013, p. 31** <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/index> Rio Claro/SP, 2013.

MINAYO, M. C de S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis – RJ: Vozes, 1993.

MOREIRA, A. P. **Representações sociais:** teoria e prática. João Pessoa: EDUFPB/Autor Associado, 2001.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOTA.L. A. **A dádiva da sobriedade**: a ajuda mútua nos grupos de alcoólicos anônimos. São Paulo: Paulus, 2004.

NEVES, D. P. Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? **Cad. Saúde Pública**, v. 20, n.1, p.7-36, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. [OMS]. **Relatório Global sobre Álcool e Saúde – 2014**. Genebra, Suíça, 2014.

PAULIN, L. F. R. da S. Conceito, etiologia e diagnóstico do alcoolismo: uma revisão. **Revista de Ciências Médicas – PUCAMP**, Campinas 3(1): p. 5-8; janeiro/abril,1994.

PILLON, S. C; CORRADI-WEBSTER, C. M. Teste de identificação de problemas relacionados ao uso de álcool entre estudantes universitários (AUDIT). **Revista de Enfermagem**, UERJ, 14, 325-332.

QUEIROZ NETO, NETO, E. Q; PIANA. M; BERGAMASCO, S. M. P. P. Faces do Brasil: múltiplas dimensões de ruralidade. **Campo–Território**: revista de geografia agrária, v. 6, n. 11, p. 131-160, fev., 2011.

REIS, D. S. dos. O rural e urbano no Brasil. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. **Anais...** Caxambú – MG, Brasil, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas – SP: EdUnicamp, 2007.

ROUQUAYROL, M. Z.; ALMEIDA FILHO, N. **Epidemiologia & Saúde**. 5 ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1999.

SÁ, Celso Pereira de. Sobre o Campo de Estudo da Memória Social: Uma Perspectiva Psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 20, n. 2. Porto Alegre: UFRS, 2007, pp. 290-95.

\_\_\_\_\_. **Núcleo Central das Representações Sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SANTOS. F. S. D. **Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia**. História, Ciências e Saúde – Maguinhos. (Rio de Janeiro) v. 6. n. suplemento, p 919-939, 2000.

SANTOS, M.S.D.; VELOSO, T.M.G. Alcoolismo: representações sociais elaboradas por alcoolistas em tratamento e por seus familiares. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. V.12, n.26, p.619-34, jul/set.2008.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO DA ATENÇÃO BÁSICA - SIAB, 2015.

SILVA, S. M. A.; NEGREIROS, F. “**Isso é comida de pobre**”: comportamento alimentar como símbolo de distinção das cidades piauienses na contemporaneidade. Disponível em: <[www.historiadaalimentacao.ufpr.br](http://www.historiadaalimentacao.ufpr.br)>

SILVA, K. V e SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS. [SENAD]. **Prevenção ao uso indevido de drogas**: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias. 2 ed. Brasília, 2010.

SOUZA, L.G.S. **Profissionais de Saúde da Família e representações sociais do alcoolismo**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

VALA, Jorge. Representações sociais e Psicologia social do conhecimento cotidiano. In: VALA, Jorge. MONTEIRO; Maria Benedicta. (Coord.). **Psicologia Social**. 7. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2006.

VARELLA, D. **Alcoolismo. Causas e Consequências**. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/dependencia-quimica/alcoolismo/alcoolismo/>>.

WANDERLEY, M de N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 15 de outubro de 2000.87-145.

## APÊNDICE A

QUADRO 02. Distribuição das unidades de análise temáticas da categoria Bebida como Diversão.

SUBCATEGORIAS	UNIDADES TEMÁTICAS
Bar – BDB	<p>[...] Venda. Saio, saio na porta da venda, chego de manhã, vou brincar com os amigos</p> <p>[...] pra se divertir tem que tomar cachaça</p> <p>[...] nos fins de semana liga o som no boteco, com bebida</p> <p>[...] tem bar no campo durante todo o jogo tem bebida</p> <p>[...] bebe demais no boteco lá de casa</p> <p>[...] festa sábado e domingo nos bares</p> <p>[...] festa no boteco sexta, sábado, domingo com cachaça e conhaque</p> <p>[...] vai na venda, boteco. Festa no bar de Zequinha lá tem cachaça</p> <p>[...] boteco</p> <p>[...] tomar cachaça</p> <p>[...] bar</p> <p>[...] cachaça, sábado e domingo nos botequins e na venda de Zequinha</p> <p>[...] vai pra venda e boteco</p> <p>[...] os que gosta de beber vai pro bar</p> <p>[...] as brincadeira nossa é de tomar cerveja, coca, refrigerante, cortezano, conhaque</p> <p>[...] festa de bar, sexta até domingo. Bebida, pinga 51, vodca, cerveja, catuaba, no bar. No bar de Zequinha, de Tita</p> <p>[...] a festa aqui é nas vendas, no bar As pessoas bebe muito. As vendas parou de vender a bebida</p> <p>[...] bebe muito</p> <p>[...] bebe muito, bagunça. Briga por causa da bebida. Rola droga, maconha, negoço que cheira, cocaína, lança perfume</p> <p>[...] consome. cachaça, conhaque, vodca, vinho... as pessoas bebe um rebanho de coisas</p> <p>[...] bebe muito</p> <p>[...] bebe muito</p> <p>[...] bebe um lote. Não é pouco não</p>

<p>Dança – BDD</p>	<p>[...] e se bebe? Toma uma cachaça danada. Sexta e sábado não tem quem dorme, é macho e fêmea          [...] bebe e não para não          [...] bebe muita cerveja, cachaça, batida, é o que mais tem          [...] bebe muito          [...] as pessoas não bebe muito não.</p> <p>[...] vão pro forró          [...] dançar          [...] zuada, som, dança          [...] faz forró          [...] forró na venda          [...] dança          [...] no bar de Zequinha tem dança          [...] dança, forró          [...] dançar forró          [...] dança no bar de vez em quando          [...] forró no bar          [...] forró</p>
<p>Futebol – BDF</p>	<p>[...]futebol          [...], futebol          [...] campo futebol todo domingo          [...] futebol          [...] jogo de futebol          [...] futebol todo domingo          [...] futebol</p>

QUADRO 03: Distribuição das unidades de análise temáticas da categoria Bebida como Tradição

SUBCATEGORIAS	UNIDADES TEMÁTICAS
<p>Manifestação Cultural e/ou Religiosa</p>	<p>[...] casamento, São João            [...], festa de Reis. O grupo chega na casa toca a música, faz a palavra, o dono da casa abre a porta, entra, algumas casa serve bebida            [...] a gente vai nas casa no São João e aí serve licor, batida. Na festa de Reis saia de casa em casa e as pessoa dá uma colaboraçãozinha            [...] festa de Reis aqui eles chega de noite nas casas, oferecem café e dinheiro, eles já vem bêbo            [...] todo ano tem festa de Reis e festa de fogueira            [...] Festa de Santo Antônio, São João, São Pedro que comemora nas casas, Festa de Reis            [...], Festa de Reis que tem bebida, bate o bumbo, canta e bebe            [...] São João faz fogueirinha nas casas serve tiragosto, batida, biscoito. São Pedro só as viúvas faz fogueira, serve bebida e tiragosto. Festa de Reis caminha dia e noite carrega na capanga o litro de cachaça            [...] Festa de São João e São Pedro é nas casas e tem bebida            [...] Festa de Reis, São João e São Pedro            [...] Algumas casas faz festa de São João. Festas da viúva em São Pedro tem dança até amanhecer o dia            [...] Festa de Reis, Natal e São João nas casas            [...] São Pedro na casa da minha vizinha. São João festa de dia e de noite. Festa de Reis quem faz é um amigo meu chama Jesuíno. Todo ano ele faz. Ele também tem um botequim e vende cachaça            [...] São João            [...] São João e Natal            [...] Festa de São João            [...] Faz reza, canta Reis, São João            [...] alguns bebem e deixam outros</p>

<p>Temperada</p>	<p>foliões para tomar conta dos instrumentos. Todos bebem só que é uma bebida controlada</p> <p>[...] na festa de Reis não tem muita bebida não, tem muita comida. Nas festa de São João tem muita. Alguns bebem pra esquentar o frio</p> <p>[...] já vem com um litro de cachaça na capanga, já chega tudo bebo pra cantar o reis</p> <p>[...], toda festa tem que ter cachaça. Bebe muito. Todo lugar tem pinga</p> <p>[...] a época que mais bebe é São João.</p> <p>[...]Tem de oferecer um golim oferece a quem quiser de 4 a 5 dias quando a mulher pári, coloca hortelã, losna, açafião, pimenta do reino só um pouquinho na cachaça</p> <p>[...], a mulher pári antes faz a cachaça temperada com hortelã, fredegoso, cebola e oferece aos convidados</p> <p>[...] a temperada com pimenta do reino, cebola, pouco de sal e pinga. O marido que oferece a temperada da parida para quem quer tomar</p> <p>[...] eles bota erva-doce, hortelã, um bucado de coisa eles monta</p> <p>[...] faz a temperada com losna, cebola e alho. O marido oferece para quem chega. Bebe só um pouquinho. Só pra comemorar o nascimento da criança. Por alegria</p> <p>[...] agradar os amigos que chega. Com losna, arruda, cebola branca e alho e pinga. O marido oferece as pessoas, algumas paridas também bebe. É difícil ter uma que não bebe</p> <p>[...], falta 08 dias para parir faz uma cachaça co arruda, fredegoso e sal grosso. Bota a cachaça no chifre de boi e queima e dá pra mulher parida. É o preparo pra mãe do corpo não ter problema. Quando eu pari tomei e chumbei com o meninozim novo na cama</p> <p>[...], é a pinga temperada com arruda. Quando vai visitar a mulher parida a família oferece a visita</p>
------------------	--

<p>Beber o Morto</p>	<p>[...], pega a cachaça põe remédio deixa curtindo até a mulher ganhar o bebê. Dá pro povo. Muita gente visita a mulher por causa da bebida (risadas)</p> <p>[...], quando eu ganhei meus fí tudo, eu dei. Bota losna na cachaça pra ficar gostosa e dá pra que visita a parida dá junto com o pirão de galinha, fica é gostosa a temperada da parida</p> <p>[...] compra a cachaça coloca hortelã serve com o pirão de galinha para quem vai visitar a parida</p> <p>[...], é costume dá a todo mundo aí cachaça com losna. As pessoas já chega procurando a temperada</p> <p>[...], losna, cebola, alho, uns remédio e a gente bebe</p> <p>[...], cachaça com remédio: losna, hortelã. Toda casa tem quando a mulher ganha neném. A mulher que pariu tem que tomar pra ter forças</p> <p>[...] quando nasce a criança bota a pinga com losna, arruda e fredegoso depois quando a pessoa vai visitar a criança e a mãe dá pra ela beber</p> <p>[...], em muitas casas que dá. Quando não dá as pessoas sai falando. Bota arruda, alho, pimenta-do-reino. Às vezes toma sem nada</p> <p>[...], algumas sim. Não é toda não. É a pinga com remédio dentro, erva dentro. Erva-doce, arruda, só, pelo que eu sei</p> <p>[...], pega a cachaça tempera e quem chega dá pra beber</p> <p>[...], dá a temperada pro povo beber. Eles coloca um bocado de remédio, hortelã, poejo, arruda, fredegoso, na cachaça e dá pro povo que vai visitar e a parida toma também.</p> <p>[...], eles tempera a cachaça bota arruda, losna e dá pro povo. Uns dá o pirão outros não.”</p> <p>[...]Oferece cachaça e só pára quando o cara tá bebo</p> <p>[...], o povo vai embora se não oferecer, pinga pura</p> <p>[...], bebe o morto. Pinga pra quem quer beber. É costume</p>
----------------------	--

[...], mais que eles bota é muita cachaça pro povo beber. Quando meu pai morreu a cachaça lá em casa foi até umas hora

[...], a pessoa pede se o dono da casa não dá eles amua e vai embora e deixa a gente só

[...], oferece cachaça. E quando dá meia noite vem gente nas venda comprar cachaça

[...], difícil faia a bebida quando a pessoa morre

[...], bebe e muito o morto. A noite toda. Quando morre alguém da casa o dono da casa compra cachaça e da pro povo

[...], e bebe é muito, não é pouco não. Se pudesse não deixava nem o defunto sai para não parar de beber. Dá também um lote de comida

[...], se bebe? Bebe. Vai no velório e ficar sem beber o povo vai embora tudo. Se tem a cachacinha fica tudo. De vez em quando quem pode, dá um dicumezim e dá café

[...] o povo bebe demais. A noite toda

[...], às vezes oferece pra agüentar a madrugada, se não ninguém vem ver o morto. O caixão fica lá sozinho, o povo vai embora se não oferece a cachaça

[...], se não tiver cachaça o povo larga o defunto sozinho

[...], se não dá a pinga quando vai visitar o morto vai embora todo mundo

[...], quando a pessoa ta morto bebe pra rezar. Quando não tem a bebida sai com raiva falando. Oferece café e cachaça. Os que vai abrir a cova no cemitério leva o litro de cachaça para abrir a cova. Se não levar não abre a cova

[...] tem uns que dá, tem uns que dá não. Quando a pessoa morre dá a cachaça pra agüentar a noite

[...], quando morre alguém aqui eles dão cachaça a noite toda ao povo. Dão para passar a noite. Se não der o povo vai embora e o corpo fica sozinho

[...], uns dá outros não. O povo bebe cachaça quando o dono do morto não

	dá eles compra.
--	-----------------

QUADRO 04: Distribuição das unidades de análise temáticas da categoria Bebida como Remédio

SUBCATEGORIAS	UNIDADES TEMÁTICAS
Gripe	<p>[...] Cachaça com alho, cebola, cuminho e fredegoso pra gripe</p> <p>[...] é usado pra remédio. Pra gripe pra cortar a gripe. Faz a queimada com fredegoso, alho, pimenta do reino, cebola branca, coloca no fogo, queima e coloca cachaça</p> <p>[...] queima sal, pimenta do reino, fredegoso e alho mistura com cachaça é bom para gripe. Conhaque com limão para rouquidão</p> <p>[...] fazer um queimado com fredegoso, alho e pimenta do reino e cachaça e bebe pra gripe</p> <p>[...] gengibre com cachaça pra gripe</p> <p>[...] Bota arruda, alho cebola branca, poejo, hortelã e cachaça no chifre para gripe</p> <p>[...] queimada de fredegoso com cachaça pra gripe.”</p>
Fechar o Corpo	<p>[...] usar pela manhã pra fechar o corpo.</p>
Outras Enfermidades	<p>[...] já vi usar bebida prá dor de dente</p> <p>[...] cachaça pura para picada de inseto</p> <p>[...] colocar cachaça com mastruz e sal no braço quando tá com dor na junta</p> <p>[...],usar pra dormir</p> <p>[...] usar meio dia pra abrir o apetite</p> <p>[...] remédio: mastruz, fredegoso, hortelã, poejo, alevante, arruda, losna, alho, pimenta-do-reino e cominho, um pouco de cachaça, chifre de vaca, queima, côa, coloca no vidro e toma um pouco e passa no lugar onde tiver com câimbra, onde dá câimbra</p> <p>[...] para cólicas da dona do corpo não pode beber muito.</p>
Outros Fins	<p>[...]Bebida pra brigar, só</p>

	<p>[...], pra criar coragem pra roubar</p> <p>[...], usar à tarde pra dar coragem pra o banho</p> <p>[...], algumas pessoas usa a bebida pra fazer coisa errada na desculpa da bebida. Bebe pra brigar</p> <p>[...] pra roubar.”</p>
--	--

QUADRO 05: Distribuição das unidades de análise temáticas da categoria Bebida como Dependência

SUBCATEGORIAS	UNIDADES TEMÁTICAS
Experiência com Bebida Alcoólica	<p>[...] eu bebo, não vou negar não. Sempre que eu achar</p> <p>[...] em casa todo dia. Acordei tomei uma pinga</p> <p>[...] bebo mas não é todo dia. Começo quando vou trabalhar, meio-dia, quando vou tomar banho e quando vou dormir</p> <p>[...] eu bebo, mas tenho que tomar um remédio pra parar essa bebida. Eu bebo só na hora do almoço. E nas festas</p> <p>[...] consumo. Final de semana e quando não vou trabalhar. Quando tem festa</p> <p>[...] final de semana e nas festas. Não sou de tomar muito</p> <p>[...] de manhã cedo pra lavar roupa, meio dia, 5 horas da tarde na hora do banho. Eu bebo pouco se eu beber eu não como.</p> <p>[...] pela manhã e nas festas. Quando saio de noite bebo. Tem vez que de noite eu tomo</p> <p>[...] bebo. Eu bebo sempre que eu achar. Todos os dias</p> <p>[...] bebo. Qualquer hora que eu achar eu bebo. (começou a chorar) Tem horas que meus filhos me xingam porque eu bebo</p> <p>[...] já bebi muito hoje não bebo mais. Eu bebia fim de semana, sábado e domingo</p> <p>[...] bebo. Dentro de casa. Á noite compro e bebo dentro de casa. É só</p>

<p>Concepção sobre a Pessoa que Bebe</p>	<p>ter que bebo dentro de casa  [...] final de semana e datas comemorativas  [...] pouco. Final de semana e em festas. Todos os dias meio dia, de manhã cedo e pra tomar banho  [...] já consumi. Hoje não. Nas festas e finais de semana  [...] bebo de mais. Toda hora que achar bebida  [...] de vez em quando. No jogo quando nós vai, quando vai nas festa, no São João</p> <p>[...] já bebi agora não bebo mais não. Quando tinha festa  [...] já bebi, mas chumbei ai deixei. Eu bebia quando ia em uma festa  [...] já bebi, agora não bebo mais, tomo remédio de pressão. Eu bebia de vez em quando, dias sim e outros não  [...] um dia Deus dá o jeito. Eu quero parar de beber. É só Deus que dá o jeito. Eu labuto pra parar mas não tem jeito.”</p> <p>[...] eu não acho nada. É bom parar. Eu mesmo não paro mais não, se eu parar fico tremendo, quando tomo uma dose parou a tremedeira.  [... ] acho coisa ruim. Briga com sua família, fala coisa que não pode por causa da bebida, fala coisa que não presta.  [... ] acho melhor parar.  [... ] a menina que eu to com o pai dela o rosto dela tá todo inchado de cachaça. Eu acho que não é bom não tem que parar.  [... ] ele ta fazendo a coisa errada.  [... ] eu não sei não. Eu mesmo não bebia assim não mas depois que faleceu minha mãe e minha irmã, se jogar na bebida, cair na depressão.  [... ] meu irmão, duas irmãs que bebe um lote. Não acho nada. Não cuida de nada, a pessoa bebe dorme, deixa o fogão só às cinzas, não cuida da casa, do marido, fica deitada.</p>
--	---

	<p>[...] beber e um vício e não tem jeito largar a bebida.</p> <p>[...] vejo no outro que bebe muito espelho meu. Não deveria beber.</p> <p>[...] meu esposo. Eu peço a Deus pra ele largar porque ele pega até facão pra me matar dentro de casa. Eu tenho um filho que também bebe muito. É ruim, não é nada bom né?</p> <p>[...] se for falar um dia não dá. Nessa região aqui todo mundo bebe. Beber muito não dá. Tira o controle do peão, tira a visão do cara</p> <p>[...] eu acho feio demais, todo dia caindo</p> <p>[...] eu acho que não é certo não. Apesar que eu bebo também, mas não é certo não</p> <p>[...] muita destruição e muita ruindade[...], só a própria pessoa é que pode se ajudar</p> <p>[...] acho feio não é bonito não. Não quer comer, acabo o apetite, dói o estômago, treme os braços</p> <p>[...] fica destruído. Se acaba muito</p> <p>[...] meu tio, se ele ficar sem beber ele morre eu fico triste por ele. Ele ta estragando a vida dele</p> <p>[...] eu acho que é ruim. Eu mesmo bebia, chumbei, achei ruim aí parei</p> <p>[...] aqui tem um bocado que bebe muito. Faz mal, fica maluco, não sabe o que é que faz</p> <p>[...] dar remédio controlado pra controlar vai parando devagar ai chega ao ponto que para tudo. (emoção e lágrimas)</p> <p>[...] é melhor parar. Dar um conselho pra parar</p> <p>[...] tem que dar conselho pra parar de beber</p> <p>[...] manear um pouco</p> <p>[...] ou a pessoa larga o põe na clínica pra tratar</p> <p>[...] dar conselho pra não beber</p> <p>[...] é pedir pra Jesus pra deixar. Que é uma benção deixar</p> <p>[...] não deve judiar dessa pessoa, zelar, pegar botar dentro de casa</p> <p>[...] tem que procurar um centro de</p>
--	---

<p>Concepção sobre Alcoolismo</p>	<p>recuperação e procurar a orientação e ajuda psicológica se a pessoa não tem controle tem que procurar ajuda. Eu não procuro ajuda eu tenho controle</p> <p>[...] tratamento sério</p> <p>[...] internar</p> <p>[...] dar um remédio pra tomar raiva da bebida pra parar de beber. Ter vontade de cuidar da casada gente, limpar a casa da gente</p> <p>[...] eu acho na minha opinião, internar</p> <p>[...] deve procurar uma ajuda, um lugar pra não beber mais</p> <p>[...] ué dá remédio, mas aos que quer beber os que não quer não bebe.”</p> <p>[...] não sei</p> <p>[...] pessoa mantida no álcool, movida a bebida todo dia. Eu sou alcoólatra e sofro</p> <p>[...] não sei</p> <p>[...] sei não</p> <p>[...] sei mas não quero falar</p> <p>[...] não sei</p> <p>[...], sei não</p> <p>[...], não sei. Acho que é uma pessoa que bebe demais. Não pode ficar sem beber dia nenhum</p> <p>[...] por alto. Não sei falar</p> <p>[...] não sei. Ainda não</p> <p>[...] não sei</p> <p>[...] sei não</p> <p>[...] sei, porque uma psicóloga amiga minha já falou comigo sobre isso. Sei o que é</p> <p>[...] muita coisa ruim, o cara passa mal, o álcool deixa a pessoa louca</p> <p>[...] sei. É a pessoa que não agüenta ficar sem beber</p> <p>[...] não sei</p> <p>[...] sim mais ou menos</p> <p>[...] sei</p> <p>[...] não sei</p> <p>[...] não sei.”</p>
-----------------------------------	---

## **ANEXO A**

### **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**

Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Fone: (77) 3245-9395 – ppgmemorials@gmail.com

Estrada do Bem Querer – Km 4 – Caixa Postal 95

Cep: 45.083-900 – Vitória da Conquista - Bahia

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa Representações Sociais de Homens e Mulheres Rurais do Interior Baiano sobre os usos do Álcool. Nesta pesquisa pretendemos identificar as representações sociais de homens e mulheres sobre os usos do álcool. O motivo que nos leva a estudar este tema é que baseado em observações empíricas, a partir da experiência profissional em área rural, foi possível observar que o impacto do consumo abusivo de bebidas alcoólicas também é uma realidade para esta população. Logo considero o uso abusivo de álcool pelo homem e mulher rural um assunto relevante uma vez que está intimamente ligado a minha história profissional e factível no que se refere a sua formulação e delimitação técnica em função da pesquisa. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: Será aplicada uma entrevista semi-estruturada com as seguintes categorias: dados sociodemográficos, lazer, tradição, frequência e quantidade de bebida alcoólica consumida na localidade, consumo (atual/início)-hábito de beber e alcoolismo; através da qual o Sr.(a) poderá expressar-se livremente. Poderá ocorrer algum sentimento de baixa auto-estima e estresse elevado mas, fique a vontade para responder apenas o que não lhe trazer desconforto. Os conhecimentos construídos com a pesquisa talvez não gerem benefícios diretos de imediato, entretanto futuramente trará informações valiosas de como se dão os processos de Representações Sociais de homens e mulheres rurais sobre os usos de álcool permitindo assim uma melhor compreensão do alcoolismo e posterior desenvolvimento de projetos de intervenção e enfrentamento de tal problemática. Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, o(a) Sr.(a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu

consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Caso o(a) Sr.(a) tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar-se da pesquisa, por favor, entre em contato com a pesquisadora abaixo a qualquer tempo.

Pesquisadora responsável – Rosangela Vasconcelos Raimundo Santos, endereço: Rua Rio de Contas, 945, Candeias, Vitória da Conquista \_BA e telefone: (77) 988117457.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(a) Sr.(a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no "**LOCAL DA PESQUISA**" e a outra será fornecida o(a) Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco (5) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa Representações Sociais de Homens e Mulheres Rurais do Interior Baiano sobre os usos do Álcool, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória da Conquista, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 .

---

Nome completo (participante)

Data

---

Rosangela Vasconcelos Raimundo Santos (pesquisador responsável) Data

---

Nome completo (testemunha)

Data

Em caso de minha desistência em permanecer na pesquisa, autorizo que os meus dados já coletados referentes a resultados de exames, questionários respondidos e similares ainda sejam utilizados na pesquisa, com os mesmos propósitos já apresentados neste TCLE.

---

Nome completo (participante)

Data

**Entrevista:****Dados Pessoais**

Idade:

Sexo:

Religião:

Ocupação:

Situação Conjugal:

Renda Familiar:

Escolaridade:

1. O que as pessoas desta localidade fazem para se divertir?
2. Aqui se costuma fazer festas? Quais os tipos (religiosas, folclóricas, etc)?
3. Nestas festas é comum o consumo de bebidas alcoólicas? As pessoas bebem muito?
4. Aqui se tem a tradição de fazer e oferecer a “parida”? Como é esse costume?
5. Aqui se tem o costume de “beber o morto”? Como é esse costume?
6. Você consome bebida alcoólica? Em que ocasião?
7. Com qual idade você ingeriu bebida alcoólica pela primeira vez? Em que ocasião?
8. Você conhece alguém que bebe muito? O que você acha de uma pessoa que bebe muito?
9. Você sabe o que é alcoolismo?
10. O que fazer com uma pessoa dependente de bebida alcoólica?
11. Além de beber para se divertir, para que outros fins se usa a bebida alcoólica?